

A Misericórdia de Deus e o Dom Eucarístico como “pedras de tropeço” para os Anjos. Uma leitura de Lucas 15 segundo Santa Hildegarda.

Sumário

O autor apresenta a interpretação da “Parábola do Pai Misericordioso” (Lc 15,11-32) feita por Santa Hildegarda, doutora da Igreja. Ela vê no pai da parábola Deus, e nos dois filhos, os Anjos e os homens. Para explicar essa interpretação, o autor elabora três características do evangelho de São Lucas, a saber: universal, litúrgico-sacrificial e trinitária. Tais particularidades estão presentes em todas as três “parábolas da misericórdia” do capítulo 15, e o autor se serve delas como chave para entender a interpretação proposta pela santa Doutora. Ele aponta a resposta em aberto ao amor de Deus em todas as três parábolas – pois aqueles “no céu” e “os anjos de Deus” não fazem parte estritamente da parábola. Na terceira parábola, o pai, por ocasião da conversão do filho mais novo, faz matar o novilho gordo, quer dizer, Deus Pai entrega seu Filho único como sacrifício expiatório no Calvário e no banquete de união eucarística. Isto era uma grande surpresa para o filho mais velho. Ora, sua indecisão em aceitar ou não a grandeza do amor divino se pode ver nos Anjos, porém na “hora de sua indecisão”, quer dizer, na sua prova no início da história.

A dificuldade dessa interpretação, ou seja, a conciliação da perfeição dos Anjos com a rebeldia manifestada pelo filho mais velho, não foi mencionada pela Santa. O autor resolve essa dificuldade referindo aquela indecisão ao tempo da prova dos Anjos, quando eles eram confrontados com “Deus e seu Reino” (Catecismo da Igreja Católica [= CIC], 392). Deste modo, a parábola se lê da seguinte maneira: A indecisão do filho mais velho, zeloso e furioso por inveja, mostra os Anjos e todas as criaturas livres, começando com “os fariseus e escribas” (Lc 15,2), na sua prova em que precisavam (ou precisam ainda) decidir a favor ou contra a misericórdia de Deus e seu plano a respeito da Igreja, com Cristo Eucarístico que, de fato, se tornou uma “pedra de tropeço” (CIC 1336) e ocasião da “queda dos anjos” (CIC 760), para uma terça parte deles (cf. Ap 12,4).

Summary

The author presents an interpretation of the “Parable of the Merciful Father” (Lk 15: 11-32) according to the writings of St. Hildegard von Bingen, Doctor of the Church. Her understanding of the Parable is unique, for she sees the father in the Parable as representing God the Father Himself, and the two sons as representing Angels and men. To explain this view, the author elaborates three characteristics of the Gospel of St. Luke, also known as the “Gospel of Mercy,” namely, universality, sacrifice, and the Trinitarian view, first in the entire Gospel, then in the three parables of chapter 15 and finally in particular in the parable of the “merciful father”. Then he shows that all three parables lack an answer to the question “What man among you ... would not ...?”, for the reference to those “in heaven” (v. 7) and “the Angels of God” (v. 10) are in a strict sense not part of these stories.

In the third parable, as the author points out, the father orders that the fatted calf be killed on the occasion of the conversion of the younger son, just as the God the Father gave His only Son as an expiatory sacrifice not only on Calvary, but also at the banquet of Eucharistic Communion. The generosity of the father, however, was such a great surprise for the older son that he could not bring himself to either accept or reject this great outpouring of Divine Love. And this can be seen with the Angels too. The difficulty with this interpretation—namely, the reconciliation of the Angels with the rebellious attitude of the son—is not mentioned by St. Hildegard. The author resolves the problem, however, by returning to the time of the test of the Angels; that is, the time when they were confronted with “God and His Reign” (CCC 392) in the “hour of their decision” at their test in the beginning of time, before their division into the holy and fallen Angels.

The parable, therefore, can be interpreted in the following way: The indecision of the older son, zealous and angry out of envy, shows how Angels and men, beginning with the “Pharisees and scribes” (v. 2), need to decide for or against the mercy of God, His plan for the Church and the Eucharistic Christ, who turned out to be both the “stumbling block” (CCC 1336) and a “painful upheaval” that caused a third of the Angels to fall (cf. Ap 12:4 and CCC 760).

* * *

Introdução

A Sagrada Escritura nos ensina: “Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade!” (Sl 24,10). E a teologia segue dizendo: “Em toda a obra de Deus aparece, como sua raiz primeira, a misericórdia”¹, pois Ele nada deve a nenhuma criatura. É um mistério que haja criaturas que se opõem a Deus, manifestam seu desacordo a uma ou a outra vontade de Deus, se distanciam e, por fim, se separam d’Ele, como, no início do tempo, os anjos rebeldes; qualquer manifestação da infinita bondade divina provoca ainda hoje o seu ódio contra Deus.

Escreveu a “Secretária da Divina Misericórdia”², Santa Maria Faustina Kowalska, no seu *Diário*: “Conheci quanto o demônio odeia a misericórdia Divina; não quer reconhecer que Deus é bom.” E continua a dizer:

Confessou-me Satanás que sou objeto do seu ódio. Disse-me: “Mil almas me causam menos prejuízo do que tu, quando falas da grande misericórdia do Todo-poderoso. Os maiores pecadores adquirem confiança e voltam para Deus, e eu”, continua o espírito mau, “perco tudo. Mas, além disso, persegues a mim mesmo com essa insondável misericórdia do Todo-poderoso”.³.

O evangelho de São Lucas “mereceu ser chamado ‘o Evangelho da misericórdia’”⁴. Numa série de publicações para o Ano Jubilar da Misericórdia, o Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização dedicou uma dessas às *Parábolas da Misericórdia*, listando oito parábolas da misericórdia no evangelho de São Lucas⁵. Porém, a mais extensa e profunda e “uma obra-prima”⁶, “um vértice da espiritualidade e da lite-

¹ THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 21, a. 4 (São Paulo, Ed. Loyola, ³2009, 436).

² Maria Faustina KOWALSKA, *Diário. A Misericórdia Divina na minha alma*, Curitiba, Apostolado da Divina Misericórdia, 37ª ed., 2010, número 965.

³ Faustina, *Diário*, 1167.

⁴ JOÃO PAULO II, *Dives in misericórdia - Sobre a misericórdia divina*, (= Misericórdia) 1980, 3.

⁵ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, São Paulo, Paulinas, 2016, 10: Lc 7,36-50; 10,25-37; 15,1-7.8-10 e 11-32; 16,19-31; 18,1-8 e 9-14.

⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 57; cf. Á. BARREIRO, *A parábola do Pai misericordioso*, São Paulo, Ed. Loyola, ⁵1999, 22-26: “A mais bela das parábolas”.

ratura de todos os tempos”⁷, é a parábola do “Filho pródigo” ou do “Pai misericordioso”⁸, como a chamam sempre mais frequentemente. É “na parábola do filho pródigo, na qual a essência da misericórdia Divina — embora no texto original não seja usada a palavra ‘misericórdia’ — aparece de modo particularmente límpido”⁹.

A. Três características do evangelho de S. Lucas: universal – litúrgico-sacrificial – trinitário

Os exegetas elaboram características comuns neste evangelho.¹⁰ Entre elas queremos destacar principalmente três: a universalidade, a atenção particular à liturgia com o sacrifício expiatório, e o mistério da Santíssima Trindade. São Lucas era discípulo e grande amigo do missionário das “nações pagãs” (At 9,15), ou seja, de São Paulo¹¹. Este o ensinou e instruiu sobre a dimensão universal da obra de Cristo. De São Paulo aprendeu também quão terrível aos olhos de Deus é a realidade do pecado; e por isso acentuou também a paixão redentora do Filho de Deus que se fez homem para “o perdão dos pecados” (Lc 1,77). E pela identificação

⁷ Papa BENTO XVI, Angelus no dia 14 de março de 2010; cf. Joseph RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. Do Batismo no Jordão à Transfiguração*, São Paulo, Ed. Planeta, 2007, 179-187 [RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*. I].

⁸ Papa FRANCISCO, Angelus no dia 6 de março de 2016; cf. CIC 1439.

⁹ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 5; cf. Id., *Reconciliatio et Paenitentia*, 15.2; nas traduções encontra-se a palavra “misericórdia”, porém no original do grego não é usada a palavra comum para “misericórdia”, mas “ἐσπλαγχνίσθη” de “σπλαγχνίζομαι” que significa “ter compaixão”.

¹⁰ Cf. p. ex. T. BALLARINI, dir., *Introdução à Bíblia. Com Antologia exegética*, vol. IV: *Os Evangelhos*, Petrópolis, ed. Vozes, 1972: O Evangelho de S. Lucas, 237-293, 281-288.

¹¹ Josef Holzner, o grande biógrafo de São Paulo, acredita que entre Paulo e Lucas cresceu uma amizade que teve a maior influência na história da Cristianidade (*Paulo de Tarso*, São Paulo, Ed. Quadrante, 1994, V (23), p. 192-193; cf. L. NÜDLING, *Lukas der Arzt*, Würzburg, Echter Verlag, 1949. Segundo os Atos dos Apóstolos 16,10-40 e 20,5ss, escrito pelo próprio Lucas, parece que ele ficava em Filipos onde andava com S. Paulo (cf. Warren DICHARRY, *Mark, Matthew, & Luke*, Middlegreen, Slough, UK, St. Paul Publications, 1991, 147-216, 165).

de Jesus como “Filho de Deus” abre-se a visão à vida interior de Deus ou à sua união trinitária, pois “o Espírito Santo desceu sobre ele ... e do céu veio uma voz [a de Deus Pai]: ‘Tu és o meu filho amado; em ti está o meu agrado’” (Lc 3,22).

I. As três características no conjunto do evangelho

1. A universalidade

Jesus disse aos discípulos: “Assim está escrito: o Cristo sofrerá ... e no seu nome será anunciada a conversão, para o perdão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas destas coisas” (Lc 24,46-48).

A dimensão universal da mensagem de São Lucas se estende a todos os povos e se origina em Deus. São Lucas vai além do mundo das criaturas e indica na genealogia de Jesus que ele “era, segundo se pensava, filho de José, filho de Heli, ... filho de Adão, filho de Deus” (Lc 3,23.38).

Nesse horizonte amplo também os Anjos têm lugar: este evangelista conta várias ações deles na vida de Jesus que nenhum outro evangelista menciona. Intensamente estão presentes na vinda do Filho de Deus, na dupla anunciação a Zacarias e à Virgem Maria (cf. Lc 1,8-20 e 1,26-38) e no nascimento de Jesus (cf. 2,9-14). São Lucas recorda que Jesus disse: “Eu vi Satanás cair do céu, como um relâmpago” (Lc 10,18), aponta a presença dos Anjos nas nossas vidas (cf. Lc 12,8-9), particularmente no sofrimento, na hora da morte e no julgamento final (cf. Lc 22,43, 16,22 e 9,26).

São Lucas sublinha, além disso, que Jesus veio para salvar a todos. Nossa Senhora reconheceu isso quando disse: “Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz” (1,48), como São João Batista profetizou: “*Todos verão a salvação que vem de Deus*”¹². No seu primeiro sermão programático, Jesus falou com toda a clareza: Ele veio para os pobres e pecadores: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me” para pobres e necessitados, para os presos, cegos, os oprimidos, os de perto, como os

¹² Lc 3,6. O velho Simeão canta: “Meus olhos viram a tua salvação, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória de Israel, teu povo” (Lc 2,30-32; cf. 1,79; 4,23-27; 10,13-16).

de Nazaré onde cresceu, e os de longe, como de Sidônia e Síria (cf. Is 61,1; Lc 4,18-21.26s.).

Uma ilustração disso se encontra no fim, quando Jesus é crucificado entre “dois malfeitores ... um à sua direita e outro à sua esquerda” (23,32s.). Tendo tal companhia, Jesus mais uma vez dá testemunho da universalidade de sua missão. Ele pede perdão ao Pai para todos, quase incondicionalmente: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!” (23,34). Ao ladrão arrependido garante: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso” (23,43). Depois de sua ressurreição pede que “no seu nome seja anunciada a conversão para o perdão dos pecados, a todas as nações” (24,47).

2. Liturgia e sacrifício expiatório

Na base da missão universal do “Filho de Deus” encontra-se uma divisão a ser superada. São Lucas mostra isso logo no início, como nenhum outro evangelista: ele inicia a sua narração da vida de Jesus com um homem e sacerdote que duvida da mensagem do Anjo, e com uma mulher, Nossa Senhora, que acredita no Anjo.

Esse homem era sacerdote e encontrava-se no templo “a exercer as funções sacerdotais diante de Deus,” enquanto “todo o povo estava em oração” (Lc 1,5.8-10). São Lucas mostra a verdadeira vocação e finalidade de toda a criação (o culto de Deus, e sua glorificação), mas também a necessidade de reparação do pecado através de um “reconciliador” para que – como ele dirá na conclusão do seu evangelho – o homem possa encontrar-se de novo, no templo ou na casa de Deus: (logo após a ascensão de Jesus, os discípulos) “voltaram para Jerusalém com grande alegria, e estavam sempre no templo, bendizendo a Deus” (24,52-53).

Isso abre a visão litúrgico-sacrificial de São Lucas. Hinos concluem os eventos na infância, o *Magnificat* as anunciações, o *Benedictus* e o *Glória* dos Anjos os nascimentos e, por fim, o *Nunc dimittis* o oferecimento no templo. A narração da infância de Jesus também se conclui no templo, com a pergunta reveladora de Jesus: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?” (2,49).

A intenção de reparar o pecado, ou seja, a separação das criaturas de Deus, se manifesta na vontade do Filho de adquirir o perdão do Pai para a humanidade através do seu sacrifício reparador na Cruz ao qual apontou já antes: “Fogo eu vim lançar sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso! Um batismo eu devo receber, e como estou ansioso até que

isto se cumpra!” (12,49s). E por isso disse: “Ardentemente desejei comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer” (22,15). Foi São Lucas que considerou importante lembrar duas palavras da última ceia, e lembrá-las duas vezes, a saber, as palavras “por vós”: “A seguir, tomou o pão, deu graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: ‘Isto é o meu corpo, que é dado *por vós*. ... fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado *por vós*’” (22,19s; cf. Mt 26,28; 1 Cor 11,24). É por Jesus, nosso “Salvador”, que Deus lembrou-se “de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre” (1,47.54s), “dando a conhecer a seu povo a salvação, com o perdão dos pecados, graças ao coração misericordioso de nosso Deus, que envia o sol nascente do alto para nos visitar” (1,77s).

A reconciliação leva à união inicial do homem com Deus no paraíso. Mas, antes disso, essa missão do Filho de Deus permitiu-nos ver o mistério mais profundo, básico e universal de Deus, a unidade das Três Pessoas divinas numa só natureza.

3. O Mistério da SS. Trindade

Como o homem pecou e precisava ser expulso do paraíso, Jesus, o Filho eterno do Pai, se fez homem para reconduzi-lo ao paraíso, isto é, à comunhão com Deus pelo dom do Espírito Santo, para reconciliar a humanidade com o Pai. Com o seu sacrifício na Cruz pagou pelos pecados dos homens e lhes restituiu a dignidade original com a graça divina. Assim vemos a ação de Deus Trindade: o Pai Criador envia o Filho Redentor da “intimidade do Pai” (Jo 1,18) para “fora do paraíso”, para que reconduza a criação ao Pai, com a força do Espírito Santo (cf. Hb 9,14).

Ao discípulo do “mestre das nações” e ao “liturgista” entre os evangelistas, junta-se, em Lucas, o artista que pinta, de uma forma suave e concreta, o mistério dos mistérios, o Deus Uno e Trino, a SS. Trindade.

Começa com a explicação – quase indireta – de São Gabriel a Maria:

“O Espírito Santo descenderá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus” (1,35). Comentando esse texto, Ratzinger-Bento XVI disse:

Vislumbra-se, no conjunto dessas palavras da anunciação, uma alusão ao mistério do Deus trinitário. ... O mistério trinitário ainda não foi objeto de reflexão, ainda não se desenvolveu até chegar à doutrina definitiva: surge

espontaneamente do modo de agir de Deus, prefigurado no Antigo Testamento; aparece no acontecimento, antes de se tornar doutrina.¹³

Em Jerusalém, Jesus mesmo já fala mais claramente: “Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?” (2,49). E quando Jesus aparece em público, São Lucas – como também São Mateus e São Marcos – relata a seguinte manifestação da SS. Trindade: “O Espírito Santo desceu sobre ele, em forma corpórea, como uma pomba. E do céu veio uma voz: ‘Tu és o meu filho amado; em ti está o meu agrado’”¹⁴ (3,22).

Além de formas refletidas, a exegese indica várias pinceladas nesse evangelho que apontam também, de alguma maneira, para o mistério trinitário, como é o caso da apresentação de uma mensagem em três formas, p. ex. no ensino de Jesus sobre a oração ou na nossa parábola em discussão.¹⁵

II. As três características no capítulo 15 do evangelho

Quando se examina o capítulo 15 do evangelho de São Lucas, pode-se constatar uma unidade entre as três parábolas.

1. Três parábolas e uma só mensagem

Parece bom dizer uma palavra a respeito das parábolas em geral ou de explicações por comparações.

¹³ Joseph RATZINGER - BENTO XVI, *A Infância de Jesus*, São Paulo, Planeta, ³2013, 32; cf. JOÃO PAULO II, *Catequese sobre Jesus Cristo*, XXIV.3 (19 de agosto de 1987): “Deus é revelado como Pai e o Filho de Deus é apresentado como aquele que deve nascer pela obra do Espírito Santo: ‘O Espírito Santo descera sobre ti’, Lc 1,35). Assim na narração da anunciação é incluído o mistério trinitário: Pai, Filho e Espírito Santo.”

¹⁴ 3,22. Ainda aparece a referência ao mistério divino na frase: “Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na sua glória, na glória do Pai e dos santos Anjos” (Lc 9,26). Se pode pensar também no mistério da SS. Trindade quando Jesus reza ao Pai e ele envia um anjo em resposta (cf. 22,42-43), ou quando Jesus reza na Cruz: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46).

¹⁵ Cf. Richard J. TORRETTO, “Saint Luke: The Gospel of Divine Mercy”, in R. STACK-POLE, *Divine Mercy: The Heart of the Gospel*, Massachusetts, 1999, 15-43, 24; Lc 10,38 até 11,13 (= Maria-Martha; o Pai nosso e a oração de pedido); as três *parábolas sobre o pecado e reconciliação*: Lc 15,1-32 (ovelha perdida, moeda perdida e o filho pródigo), ou nos Atos dos Apóstolos as três narrações da visão de S. Pedro (10,9-48; 11,1-18; 15,7-12) e as três da conversão de São Paulo (At 9,1-19; 22,1-16; 26,9-18).

O povo diz: cada comparação claudica. Com isso quer dizer: uma boa comparação ou ilustração facilita entender uma mensagem ou ideia, mas não é uma apresentação totalmente idêntica; umas partes esclarecem a mensagem, outras não contribuem e por isso devem ficar excluídas da interpretação.

Neste sentido, São Tomás cita São João Crisóstomo: “Não convém tomar ao pé da letra tudo o que se diz numa parábola; mas sacado o sentido com que há sido dita, não se deve buscar mais outra coisa nela.”¹⁶ São João Paulo II disse sobre esse tipo de literatura, especialmente com referência à terceira das nossas parábolas: “Neste ponto a analogia é muito vasta. Indiretamente a parábola estende-se à todas as rupturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e todo o pecado.”¹⁷

Então, o horizonte para o qual devemos preparar-nos é realmente amplo, ou seja, universal.

Sobre as três parábolas em questão se tem observado muitas vezes que elas são, em certo sentido, apenas uma; e de fato, até o evangelista fala só de *uma* parábola, “esta parábola”:

Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se de Jesus para o escutar. Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam contra ele. “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”. Então ele contou-lhes esta parábola (15,1-3).

Estes três textos são as “parábolas da misericórdia” que “sucedem-se umas às outras, sem interrupção”¹⁸ ou separação: No fim da primeira parábola só tem a palavra “ou” (v. 8) e segue a segunda parábola. A terceira

¹⁶ “Non autem oportet omnia quaecumque parabola continet, ad litteram pertractare; sed sensum elicientes cuius causa componitur, nihil aliud perscrutari” (THOMAS DE AQUINO, *Catena aurea in Quatuor Evangelia*, vol. II: *Expositio in Lucam et Ioannem*, Taurini – Romae, Marietti, 1953, in Lc, cap. XV, p. 212-221; a citação se encontra na p. 220.

¹⁷ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 5.

¹⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 45; Colombás sublinha essa ideia fortemente: “As três parábolas do capítulo 15 de Lucas – a ovelha extraviada, a moeda perdida e o filho pródigo – andam sempre juntas, tanto na Igreja oriental como na ocidental, na pregação, na liturgia e na arte religiosa” (García M. COLOMBÁS, *Paraíso y vida angélica*, Bogotá, 2015, 45; cf. TH. STROTMANN, *Le conflit des anges et des hommes. La raison dernière des Schismes d’après la Théologie Patristique*, em: *L’Église et les Églises*, t. 1, Chevetogne [1954], p. 141-161, 144).

parábola se introduz assim: “mas disse – *ait autem*”¹⁹. Essa distinção ajuda a entender melhor o conteúdo dos três textos.

É fácil ver a semelhança da mensagem, em parte até as palavras são repetidas quando se olha o quadro com todas as três parábolas juntas.²⁰

O ponto de partida é a perda de algo que é precioso para o seu dono. A reação dele, quase natural, é o desejo de reter o que se perdeu, e por isso segue à procura. Quando obtém sucesso e encontra aquilo que perdera, se alegra, e essa alegria se multiplica ao ser compartilhada. Por isso convida amigos e vizinhos. Mas aqui aparecem divergências, as quais, porém, não deixam de indicar a meta intencionada por todas essas parábolas: essa alegria deveria ser compartilhada por todos. O pastor e a mulher convidam²¹ os amigos e vizinhos, e na terceira parábola, onde só há dois filhos de um pai, o pai se alegra com o filho mais novo, aquele que tinha sido perdido, mas o segundo filho, de imediato, não quer participar da alegria do pai e do irmão. É evidente que a intenção de Jesus era conduzir a todos à união nessa alegria.

Ele indica com essas parábolas que essa união falta. De três maneiras diferentes, Ele quer pedir, provocar e puxar os indecisos, isto é, os fariseus e escribas (v. 2), a aceitarem aqueles que se perderam, mas que depois voltam arrependidos, como o irmão mais novo na última parábola.

15,4-7: Parábola da ovelha perdida	8-10: Parábola da moeda perdida	11-32: Parábola do filho pródigo	A mensagem:
4 Quem de vós que <u>tem cem</u> ovelhas	8 E se uma mulher <u>tem dez</u> moedas de prata	11 Um homem tinha dois filhos.	(1) Deus Criador

¹⁹ A tradução “E Jesus continuou” é uma tradução livre.

²⁰ Cf. p. ex. BARREIRO, cap. 1: “Contexto e destinatários das três parábolas dos perdidos (Lc 15)”, 19-39.

²¹ A tradução “reunir” é inexato. O grego “*synkalei*” ou o “*convocat*” em latim significa “chamar a juntar-se” e não inclui o significado que os convocados responderam ao convite e vieram. “Reunir” faz pensar que os convidados respondem ao convite, mas exatamente este é o ponto que Jesus quer frisar com estas três parábolas: Deus convida, mas há quem não quer responder! Por isso mudamos a tradução da CNBB que traduz “reúne”.

e <u>perde uma,</u>	e <u>perde uma,</u>	12 O filho mais novo disse: ‘Pai, dá-me a parte ... que me cabe’. E o pai dividiu os bens ... 13 O filho mais novo ... <u>partiu</u>	(2) O Pecador separado da união anterior
não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás da-que-la que se perdeu, <u>até encontrá-la?</u>	Não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente <u>até encontrá-la?</u>	20 ... voltou para seu pai. Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e foi tomado de compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos.	(3) O Deus na procura ou na espera do pecador perdido, pronto a perdoar e acolhê-lo.
5 E <u>quando a encontra</u> , alegre a põe nos ombros	9 <u>Quando a encontra</u> ,	22 ... o pai disse aos empregados: ‘Trazei depressa a melhor túnica ... um anel ... e sandálias ... Trazei o novilho gordo e matai-o, para comermos e <u>festejarmos</u>	(4) A alegria do encontro e a festa
6 e, chegando em casa, <u>convida os amigos e vizinhos, e diz:</u> ‘ <u>Alegrai-vos comigo!</u> ’ <u>Encontrei a minha ovelha que estava perdida!</u> ’*	<u>convida as amigas e vizinhas, e diz:</u> ‘ <u>Alegrai-vos comigo!</u> ’ <u>Encontrei a moeda que tinha perdido!</u> ’*	24 E começaram a festa. O filho mais velho ... 28 ficou com raiva e não queria entrar. O pai, saindo, insistiu com ele....”.	(5) O convite à participação da alegria.

* As conclusões na primeira e segunda parábola, “Eu vos digo: assim...”, no sentido estrito não fazem parte das parábolas como explicaremos.

2. As três características no capítulo 15

Todas as três características supramencionadas do Evangelho de São Lucas encontram-se neste capítulo 15. Pode-se até dizer que elas formam o roteiro das parábolas ou são a chave para entendê-las. Contentar-nos-emos aqui com breves indicações.

O aspecto trinitário aparece, primeiro, nos três donos, pois “o pai representa Deus Pai; o pastor, Cristo; e a mulher, a Igreja”²², sendo que a Igreja é o lugar da presença e ação do Espírito Santo. Além disso, se pode ver o aspecto trinitário nos três ambientes (mundo, campo, casa e vida familiar). Um certo aspecto trinitário se encontra também no fato de primeiro, haver alguém que possui e então perde (referência ao Pai), de alguém que procura e encontra ou perdoa (referência particular ao Filho), e finalmente a alegria do reencontro ou da união restabelecida (referência ao Espírito Santo²³).

O sacrifício do Filho se pode ver na fadiga da busca, do encontro e da recondução do que foi perdido. Em todas as três parábolas podemos ver o amor de Deus no Filho (cf. Is 49,15; Jo 3,16; Fl 2,6-8), naquele de quem São Paulo diz: “que não cometeu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nos tornemos justiça de Deus” (2 Cor 5,21).

A universalidade se vê pela presença de todos: do Criador e de todas as criaturas; os “Anjos de Deus” estão presentes e os homens, homem e mulher²⁴, e todo o mundo inferior ao homem, os animais e o mundo inor-

²² A. A. JUST JR., *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y outros Autores de la época patristica, Nuevo Testamento 3*: “Evangelio según San Lucas”, Madrid, Ciudad Nueva, 2006, 335; cf. J. DILLERSBERGER, *Lukas. Das Evangelium des heiligen Lukas in theologischer und heilsgeschichtlicher Schau*, Band V: „Dem Ziel entgegen“, Müller, Salzburg ²1939, 69 e 78-81; CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (= CIC), 1997, 258.

²³ Cf. p. ex. Lc 1,41ss; At 13,52; Gal 5,22. Alegria, um sinal de liberdade e de consciência pura, é fruto do Espírito Santo”.

²⁴ Josef SCHMID, *Das Evangelium nach Lukas*, em *Regensburger Neues Testament*, 3. Band, Friedrich Pustet, Regensburg ³1955, 249-255, 252. Deus indica um ambiente diferente para homem e mulher como consta em toda a Sagrada Escritura, desde a primeira página, p. ex. Gn 2,15.20a; 3,17-19; Lc 4,26 e 27; 4,33-37 e 38-39; 18,2-8 e 9-14; Mt 24,40 e 41; Jo 20,11-18 e 24-29; cf. T. KIENINGER, “Versuch einer Wesenbestimmung der Geschlechter”, em *Sapientia Crucis*, IV (2003), 163-213; em particular “Die Lehre des Evangeliums über die Männlichkeit und Fraulichkeit”, 201; e para a família cf. II Vaticanum, *Gaudium et Spes*, 48; JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, 1994, 8.

gânico.²⁵ Encontramo-nos nessas narrações realmente diante da máxima universalidade, indicação da referência ao Reino de Deus Pai como “um reino universal”²⁶.

O seguinte esquema mostra numa visão de conjunto o que queremos sugerir.

<u>Nas 3 parábolas:</u> <u>Nos 3 passos:</u>	Deus Filho - pastor	Deus Espírito Santo - mulher	Deus Pai - pai de família
Deus Pai – dono que possui e perde	100 <i>ovelhas</i> , e uma delas perdida	10 <i>moedas</i> , e uma delas perdida	Dois <i>filhos</i> , e um deles foi embora
Deus Filho – Sacrifica-se – e procura até encontrar e perdoa	O pastor procura – e quando a encontra, alegre a põe nos ombros	A mulher procura – Quando a encontra,	O pai olhou esperando, o avistou e saindo da casa correndo, abraçou-o,
Deus Espírito Santo – Inspira a alegria espiritual sobre a união restabelecida	convida os amigos e vizinhos, e diz: ‘Alegrai-vos comigo! Encontrei a minha ovelha que estava perdida!’	convida as amigas e vizinhas, e diz: ‘Alegrai-vos comigo! Encontrei a moeda que tinha perdido!’	‘Trazei o novilho gordo e matai-o para comermos e festejarmos...’ E começaram a festa – mas faltou o irmão!

3. A união final na alegria

Jesus sublinha muito que no fim há alegria, pois esta é a intenção do plano de Deus com toda a criação: a união de todas as criaturas na alegria de Deus. São João Paulo II afirmou: “Em cada uma destas parábolas é

²⁵ Pode ser que com isso Jesus quisesse indicar a extensão do efeito dos pecados ou tencionasse mostrar a universalidade do perdão e da misericórdia de Deus, pois a criação inferior ao homem, “o solo”, foi “amaldiçoado ... por tua causa” (Gn 3,17) e desde aquele tempo “toda a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19; cf. vv. 19-23). Cf. SCHMID, 252.

²⁶ JOÃO PAULO II, *Catequese sobre Jesus Cristo*, 55.8 (15 de junho de 1988).

posta em evidência a mesma alegria, que transparece no caso do filho pródigo.”²⁷

Comparando as três parábolas, se percebe que na terceira parábola falta o final feliz e triunfante, “Eu vos digo” (cf. vv. 7 e 10). Esta parábola termina com o diálogo entre o pai e o irmão mais velho, o qual não quis alegrar-se, fazer parte da festa.

Portanto, todas as criaturas são relacionadas nessa lição de Jesus, mas não todas estão unidas na alegria! Apontar para esse problema é a intenção inicial de Jesus e a razão para contar essas parábolas, não apenas de uma só forma, mas em três variações. “O convite à alegria – o grande *Leitmotiv* (motivo condutor) das três parábolas – é o pedido divino com o intento de restabelecer a unidade primitiva quebrada pela partida do homem.”²⁸

a) A pergunta inicial aberta

Jesus abriu as parábolas com a pergunta aos fariseus e escribas: “Quem de vós...?” (15,4)²⁹. Ele espera no fim uma resposta; por isso, propositalmente a história termina aberta ou sem resposta direta. É um aspecto ao qual, como nos parece, não se tem dada muita atenção.³⁰

O paralelismo das três parábolas com sua única mensagem mostra esse aspecto que salienta o próprio motivo por que Jesus conta essas parábolas. Examinemos, portanto, este fato.

²⁷ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6; cf. Lc 15,6.9.24; esta parte faz lembrar o convite solene no livro do *Cântico dos Cânticos*: “Comei, amigos, bebei e inebriai-vos, meus caros!” (Ct 5,1).

²⁸ STROTMANN, 150: “L’invitation à la joie – le grand *leitmotiv* des trois paraboles – est la supplique divine tendant à refaire l’unité primitive brisée par le départ de l’homme.”

²⁹ Em outros lugares dos evangelhos, Jesus começou com uma pergunta semelhante. No próprio evangelho de São Lucas, Jesus pergunta a um fariseu: “Quem amará mais”, isto é, aquele a quem foi perdoada a dívida de cinquenta ou de quinhentas moedas? E depois de ter recebido a resposta, Jesus o convida a refletir e tirar suas conclusões: “tu não..., mas ela sim...”, e isso três vezes (cf. Lc 7,40-46). Ou a pergunta: “Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” – Jesus responde com a parábola do Bom Samaritano e termina: “Vai e faz tu a mesma coisa” (10,25.37; a expressão “perdoar sete vezes” encontra-se em Lc 17,4, mas não como pergunta, como em Mt 18,15ss.)

³⁰ RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 187: “Enquanto o texto dos dois irmãos permanece aberto, termina como questão e como convite, aqui [na parábola do dissoluto rico e do Lázaro pobre] o fim irrevogável de um e do outro é já descrito.”

No fim da *primeira parábola* são mencionados ou respectivamente representados três grupos de pessoas. Ora, de dois deles não se diz que participaram da alegria do retorno da ovelha perdida. Os três grupos são os seguintes:

- a) as noventa e nove ovelhas fiéis, às quais é dito que a ovelha perdida é amada mais do que elas, ou seja, há mais “alegria por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão”;
- b) os “amigos e vizinhos”, que foram *convidados* a se alegraram com o pastor, mas fica em aberto se aceitaram o convite ou não;
- c) os que estão “no céu”, de quem realmente é dito que “haverá alegria”, e estes são os únicos dos quais isso é afirmado.

Na *segunda parábola* podemos ver uma estrutura semelhante:

- a) as nove moedas – com nenhuma observação sobre elas;
- b) as “amigas e vizinhas”, que receberam o *convite*, com as mesmas palavras como na primeira narrativa, e
- c) “os anjos de Deus”, que são os únicos dos quais se diz realmente que se alegram “por um só pecador que se converte”.

Na *terceira parábola* falta esta conclusão; a narração termina simplesmente com o *convite*, explicado, justificado e repetido, portanto um convite insistente; mas não se dá a saber qual é a resposta dada pelo filho mais velho.

No entanto, também a primeira e a segunda parábola terminam com o convite, sem indicação alguma sobre a reação dos convidados. Fica totalmente em aberto quem aceita o convite e compartilha da alegria:

... chegando em casa, *convida* os amigos e vizinhos, e diz: ‘Alegrai-vos comigo! Encontrei a minha ovelha que estava perdida!’ - Eu vos digo: assim haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão. (vv. 6-7).

E na segunda parábola se lê:

Quando a encontra, *convida* as amigas e vizinhas, e diz: “Alegrai-vos comigo! Encontrei a moeda que tinha perdido!” – Assim, eu vos digo,

haverá alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte (vv. 9-10).³¹

Não se faz, portanto, menção da resposta dos amigos e vizinhos ao convite. Afirmar-se apenas o convite. Quando Jesus afirma que aqueles “no céu” ou os “anjos de Deus” participam da alegria de quem encontrou o perdido, quer indicar aos seus ouvintes que aqueles que se associam à alegria de Jesus vão se unir também aos espíritos celestes, os Anjos de Deus.

b) As várias perguntas a responder

A falta de resposta convida a um ulterior exame dos textos. De fato, com estas parábolas, Jesus faz duas ou até três perguntas: 1) Vós procurais quando perdeis algo?; 2) Vós vos alegrais quando encontrais o que perdestes?; 3) Vós gostaríeis que outros participassem na vossa alegria e para isso os informais e convidais para vossa casa a festejar? Eis o texto da parábola:

Quem de vós que tem cem ovelhas e perde uma,

(1) não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás daquela que se perdeu, até encontrá-la? E

(2) quando a encontra, alegre a põe nos ombros e,

(3) chegando em casa, convida os amigos e vizinhos, e diz: “Alegrai-vos comigo! Encontrei a minha ovelha que estava perdida!” (vv. 4-6; semelhantemente na segunda parábola).

O fato de que Jesus não diz nada a respeito da resposta dos amigos e vizinhos a esse convite indica que seus ouvintes devem se perguntar se querem alegrar-se sobre o reencontro do que estava perdido ou se preferem que nem fosse encontrado o que se perdeu, como parece ser tentado a pensar o filho mais velho!

Jesus não deixa nenhuma dúvida: ele quer a resposta positiva também dos fariseus e escribas, seja à segunda, seja à terceira pergunta, ou como

³¹ Note-se que nos versículos 7 e 10 as frases são introduzidas cada vez com certa solenidade e exclamação: “Digo-vos!” Com esta introdução (dezanove vezes no evangelho de São Lucas), Jesus dá uma ênfase especial às suas palavras, pedindo aos seus ouvintes uma atenção especial.

São João Paulo II disse: “O pai que perdoa é o primeiro em alegrar-se e quer comunicar a todos a alegria do seu coração”³².

B. A terceira parábola

Com base nestas observações estamos preparados para olhar mais de perto a terceira parábola. Nela, as figuras principais são pessoas humanas que raciocinam e são livres. Isto permite oferecer uma descrição da participação própria das criaturas racionais na ação de Deus. Uma vez que “Deus nos criou sem nós, mas não quis salvar-nos sem nós”³³.

Há várias explicações desta parábola.

Em primeiro lugar, notemos que nesta parábola se encontram diversos temas bíblicos, como por exemplo, a preferência do segundo filho ao primeiro,³⁴ ou segundo a fórmula do evangelho: “... Há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos” (Lc 13,30).

Do ponto de vista pedagógico-psicológico, Henry Nouwen interpreta toda a parábola e convida a acompanhar a história com as três personagens como representantes de uma só pessoa que atravessa o caminho da vida, isto é, da adolescência, marcada pelo pecado (o filho mais novo), à autossuficiência orgulhosa e dura (o filho mais velho) e, por fim, chegando até à mansidão misericordiosa e prudente do ancião (o pai misericordioso).³⁵

Santa Hildegarda oferece duas reflexões sobre esta parábola. Numa delas, esta nova doutora da Igreja faz referência às virtudes, e numa segunda se refere a toda a história da salvação, ao pai como Deus, e aos dois filhos como a todas as criaturas racionais e livres: “Um homem, isto é, Deus, que tinha dois filhos, a saber os Anjos e o homem”. Aqui temos a

³² JOÃO PAULO II, *Catequese sobre o Espírito Santo*, XXXII.6 (28 de fevereiro de 1990).

³³ Sto. Agostinho, Sermão 169, 11, 13: PL 38, 923; citado em *CIC* 1847.

³⁴ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 69; alguns exemplos seriam Caim e Abel, Esaú e Jacó, os filhos de Jacó e José, e os filhos de Jessé e Davi.

³⁵ Cf. Henry NOUWEN, *A volta do filho pródigo*, São Paulo, ed. Paulinas, 1997.

dimensão universal, não só estaticamente abrangendo a todas as criaturas racionais, mas também no seu dinamismo temporal ou histórico.

As características principais do evangelho de São Lucas nos ofereceram a chave para a análise das três “parábolas da misericórdia” juntas. Elas exigiram a nossa abertura para toda a realidade, a do Criador e a de todas as criaturas. Em seguida, vamos passar à SS. Trindade, ao sacrifício e à universalidade, para entender melhor esta terceira parábola.

I. O reflexo da SS. Trindade

Olhamos, inicialmente, as três pessoas da parábola; elas se podem relacionar às pessoas da SS. Trindade. Primeiramente, o pai desses filhos, a Deus Pai³⁶, o filho mais novo, a Deus Filho, pois esse filho precisava de alguém que o libertasse da prisão do pecado e dos vícios, e o filho mais velho, a Deus Espírito Santo como aquele que assiste a quem deve travar uma batalha espiritual. É o Pai que possui e perde; o Filho, com seu sacrifício redentor, abre ao filho mais novo o caminho de volta ao Pai, enquanto o Espírito Santo, com o Pai e pelos méritos do Filho, pacifica e une a todos.

No centro está o sacrifício do novilho gordo com a festa de reconciliação e união na casa do pai.³⁷

1. O pai³⁸

Pai é quem tem filho. Só ficamos conhecendo o pai por sua relação a um filho ou a filhos, como conhecemos também Deus Pai apenas pela sua relação de origem ao Filho (e ao Espírito Santo). Portanto, não se pode falar do pai sem falar da sua relação aos filhos.

a) O pai com o filho mais novo

O pai primeiro se mostrou silencioso, quando o filho mais novo pediu para sair, e respeitou sua liberdade.

³⁶ “Não há dúvida de que naquela simples mas penetrante comparação a figura do pai nos revela Deus como Pai” (JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6).

³⁷ “Para quem entende, tem muito do sacrifício da Cruz e do Sangue expiador de Cristo” nessa parábola (DILLERSBERGER, 84).

³⁸ Cf. BARREIRO, 87-113.

Antes de tudo, causa admiração a sua tolerância face à decisão do filho mais jovem de ir embora de casa; teria podido opor-se, sabendo que era muito imaturo, um jovem, ou procurar algum advogado para não lhe dar a herança, estando ainda vivo. Ao contrário, permite que ele parta, mesmo prevendo os riscos possíveis. Assim age Deus conosco: deixa-nos livres, até para errarmos, porque ao criar-nos concedeu-nos o grande dom da liberdade.³⁹

Porém, deixou seu filho partir, com o coração doendo. Isso se vê no fato de que “avistou” o filho voltar “quando ainda estava longe e foi tomado de compaixão. Correu-lhe ao encontro”. O pai desejava, portanto, a conversão deste filho e esperava a sua volta.⁴⁰

Na chegada do “filho perdido” não hesitou em nenhum momento em dar o perdão e a acolhida a ele, “abraçou-o e o cobriu de beijos,” isto é, dirigindo-se à sua face, à sua pessoa, ou seja, ao seu coração.

Mostrou-se “generoso”⁴¹, pois logo “disse aos empregados: ‘Trazei depressa a melhor [mais exato: a primeira] túnica para vestir meu filho,’ – quer dizer, restituindo a graça santificante ou filiação divina⁴² – “colocai-lhe um anel [com o selo] no dedo” – que o autoriza de novo a agir como

³⁹ Papa FRANCISCO, *Angelus*, no dia 6 de Março de 2016. “O modelo desta visão de Deus, do Pai, encontra-se em Oséias (cf. 11,1-9)” (RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 183).

⁴⁰ “A narração faz-nos compreender... que (o pai) espera contra qualquer esperança. ... Mas o afastamento daquele filho é só físico; o pai leva-o sempre no coração; espera confiante o seu regresso; perscruta a estrada na esperança de o ver. E um dia o vê aparecer ao longe (cf. v. 20). Mas isto significa que este pai, todos os dias, subia ao terraço para ver se o filho voltava!” (Ibid.)

⁴¹ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6. “Deus fica à espreita do regresso do filho, abraça-o à sua chegada e põe a mesa para o banquete do novo encontro, com que se festeja a reconciliação. O que nesta parábola sobressai mais é o acolhimento festivo e amoroso do pai ao filho que regressa: imagem da misericórdia de Deus sempre pronto a perdoar” (JOÃO PAULO II, *Reconciliatio et Paenitentia*, 5).

⁴² Cf. o trecho paralelo em Mt 22,11-13. Uma vez que esta observação não toca uma parte essencial do nosso estudo, apenas acrescentamos a seguinte observação: A interpretação da “túnica” como veste da “graça santificante”, uma vez perdida, não deve surpreender quando consultamos o original grego. A palavra “melhor” é uma tradução bem livre e espiritualizada de *πρῶτος*, e com isso se perdeu a ligação com a história ou com a perda dessa túnica no paraíso; a tradução literal seria a “primeira túnica” ou “*stolam primam*” como se traduz na Vulgata, que é o texto que Santa Hildegarda tinha à disposição. “O filho perdido torna-se para eles [os Padres da Igreja] a imagem do homem em si, de ‘Adão’, que somos todos... Para os Padres da Igreja, este ‘melhor vestido’ é a referência ao vestido perdido da graça, com o qual o homem tinha sido vestido no princípio e que tinha perdido no pecado” (RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 182).

filho, tendo tudo em comum com o pai, como o filho mais velho –, “... pois tudo o que é meu é teu também”. Colocai-lhe “sandálias nos pés” – como sinal de dignidade e liberdade, o contrário de um escravo ou servo –; e, por fim, “o pai disse aos empregados: ‘Trazei o novilho gordo (e não “um” qualquer) e matai-o, para comermos e festejarmos. Pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado’. E começaram a festa” (vv. 20-24).

b) O pai com o filho mais velho

O pai pede a todos que participem desta sua grande alegria e se associem a ele, perdendo e compartilhando tudo. Com seu coração tão aberto e com circunspeção atenta e amorosa percebeu que o filho mais velho não estava na sala, e nem quis entrar. Isto tornou-se outra ocasião para revelar seu amor para com os seus filhos, as criaturas racionais e imagens suas (cf. Gn 1,26ss).

O pai estava tão admirado com essa reação negativa do filho mais velho, que deixou toda a comunidade na festa e saiu para conversar com ele, explicar-lhe a razão da festa e convidá-lo pessoal e insistentemente. “Saindo, insistiu com” (v. 28) o filho mais velho e mendigou dele o seu amor para com o seu irmão mais novo; aqui o pai mostra humildade e paciência, conversa e não rejeita as acusações contra o filho mais novo. Não se mostra ofendido pelas ofensas recebidas e o lembra do seu amor de pai de sempre, chamando-o: “Filhinho”. Aqui, só o amor fala!⁴³ Ele tenta chamar à razão aquele que pela sua raiva está em perigo de tornar-se cego: Perdes nada! Tudo que é meu é teu! Deixa esses cálculos sem fundamento e compartilha a alegria conosco, como nós todos partilhamos os nossos bens: “Filho, tu estás sempre comigo, ... era preciso festejar e alegrarmos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (v. 31-32). Estamos festejando o seu retorno e não a sua saída; seu humilde arrependimento e não seu orgulho pecaminoso; sua nova abertura para nós e não seu coração endurecido e fechado. – O pai se justificou diante do filho, Deus diante da criatura!

Aqui a narração do encontro pára, sem informar se a humildade do pai venceu a atitude orgulhosa do filho ou se a sua imploração conseguiu derrubar a persistência e rejeição do filho. O pai fica outra vez, como antes diante do filho mais novo, com mãos algemadas diante da liberdade do

⁴³ Cf. SCHMID, 254-255.

filho mais velho. No entanto, ele não se arrependeu de ter filhos livres, pois só assim a convivência pode ser pessoal e amável.

Vê-se no pai que “a caridade... não acaba nunca” (1Cor 13,8). Nos seguidores de Cristo, “a misericórdia nunca cessou de se manifestar no seu coração e nas suas obras, como prova particularmente criadora do amor, que não se deixa «vencer pelo mal», mas vence «o mal com o bem» (cf. Rom 12,21).”⁴⁴

A atitude do pai da parábola, todo o seu modo de agir, a manifestação da disposição interior, permite-nos encontrar cada um dos fios que entretecem a visão da misericórdia no Antigo Testamento, mas numa síntese totalmente nova, cheia de simplicidade e profundidade. O pai do filho pródigo é fiel à sua paternidade, fiel ao amor que desde sempre tinha dedicado ao seu filho.⁴⁵

2. O filho mais novo

A segunda personagem da parábola é o filho mais novo. Sua história é bem descrita no próprio evangelho.

a) Sua história

Este filho pediu: “Dá-me a parte da herança que me cabe”. Assim “o pai dividiu os bens entre eles”. E poucos dias depois, o filho começou a sua aventura, “esbanjou tudo numa vida desenfreada” até que “uma grande fome” chegou àquela região. Passando necessidades, foi pedir trabalho a um homem que o mandou cuidar dos porcos, porém nem da comida destes podia comer.

“Então caiu em si e disse: ‘Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome. Vou voltar para meu pai...’” É o que, então, fez: “partiu e voltou para seu pai... e lhe disse: ‘Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho’” (vv. 12-21).

b) O coração da mensagem

O Senhor explica nessa parábola a sua mensagem através da ação de pessoas, o que não é o caso das outras duas parábolas. Por isso, aqui ele pode fazer ver o papel da própria decisão, liberdade e atitudes interiores das criaturas racionais.

⁴⁴ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6.

⁴⁵ *Ibid.*

São as seguintes:

- a decisão em favor do direito e da justiça – às custas do amor ou contra ele;
- depois, a virada para o exterior, material e carnal, – contra o interior e espiritual;
- e, por fim, a experiência da escravidão infernal – em vez da liberdade celeste.

Os Padres da Igreja vêem o filho tendo chegado à companhia dos anjos caídos quando pastoreou os porcos. Aí acordou, se arrependeu e levantou.

O homem é limitado por natureza. Por isso, nunca chega a uma compreensão completa daquilo que conhece, e, consequentemente, também a sua liberdade fica condicionada e limitada. Esta cegueira natural, ainda intensificada pelos pecados, não lhe tira toda a memória do passado e das graças uma vez recebidas; o desânimo e desespero causados pelas decisões erradas não extinguem todo o desejo do bem. Por isso, o filho mais novo podia ainda sentir a ânsia pela vida e a esperança do perdão. Ele deixou-se tocar, humilhou-se, e com o arrependimento tomou a decisão de voltar ao seu pai e à vida anterior. Porém, depois dessa experiência aprendeu e sabe muito bem que ele por si mesmo não é nada, e que depende totalmente da graça e bondade do seu pai. Por isso, também não pode requerer algo do pai, pede o mínimo possível: “Trata-me como a um dos teus empregados” (v. 19). Agora rejeita até pedir “direitos” porque sabe que não os tem diante do pai. A única coisa que pode pedir, ainda e de novo, é misericórdia, o amor que perdoa.

E como isso tocou o coração do pai! Ele o acolheu e perdoou.

3. O filho mais velho⁴⁶

Quando se dá realmente atenção, se entende que o foco da parábola não está no filho pródigo, mas no “filho mais velho” que é “totalmente essencial”⁴⁷. A causa de todas as três parábolas era a murmuração e crítica dos “fariseus e escribas” sobre a misericórdia e amor que Jesus e, com

⁴⁶ Cf. BARREIRO, *A parábola do Pai misericordioso*, cap. 3: “A história do filho mais velho (Lc 11, 25-32)”, 63-85 e 104-113.

⁴⁷ “P.Grelot, por sua vez, chamou a atenção para a figura do segundo irmão como totalmente essencial e, a partir disso, era da opinião – com razão, parece-me – de que a designação mais adequada seria ‘a parábola dos dois irmãos’. Isso resulta em primeiro lugar da situação à qual a parábola responde. ... Encontramos aqui dois grupos, dois

ele, Deus Pai mostraram aos “publicanos e pecadores” (cf. vv. 1-3). E estes, os “fariseus e escribas”, não compreenderam esta atitude e estavam muito tentados a não a aceitar.⁴⁸

Com estas parábolas, Jesus queria levá-los à aceitação do amor de Deus. Por isso, a maior atenção é dada ao filho mais velho, a quem Jesus apresenta numa situação como a deles.

Jesus mostra duas reações e duas faces desse filho mais velho.

a) As duas reações

Este filho, chegando do trabalho ou do cumprimento do seu dever, ficou admirado com o que estava acontecendo “em casa”, algo de que não entendeu: “Já perto de casa, ouviu música e barulho de dança” (v. 25). Ele não sabia explicar isso. Nessa sua *ignorância* procurou informação com um criado: “Então chamou um deles e perguntou o que estava acontecendo” (v. 26). Este lhe informou sobre o retorno do seu irmão mais novo e a festa com que o pai, cheio de gratidão, o recebeu: “É teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque recuperou seu filho são e salvo” (v. 27). A resposta inesperada que recebeu lhe era incompreensível, um mistério ou até uma loucura aos seus olhos. Até aqui vimos o filho mais velho com certa ignorância e tomado de surpresa.

O próximo versículo nos fala de uma *forte reação emocional*: “Ele ficou com raiva e não queria entrar – ὠργίσθη δὲ καὶ οὐκ ἤθελεν εἰσελθεῖν –

‘irmãos’: publicanos e pecadores, fariseus e escribas” (RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 179s.).

⁴⁸ A terceira parábola se divide em duas partes, sendo introduzida pelo versículo 11 e concluída pelos versículos 28-31. Ela “tem duas ‘pontes’: Não descreve só a volta do filho mais novo, mas também o protesto do mais velho, e a divisão em duas partes se frisa pelo fato de que as duas terminam como que por um refrão, com o mesmo dito” (J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1976, 132s.): “Este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado” (v. 24) e “este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (v. 32). O climax está na segunda parte, pois Jesus contou a primeira parte por causa dos homens que são, como o filho mais velho, “sem participar da alegria, sem amor, sem gratidão e com o sentimento de autojustificados” (JEREMIAS, 133). Esta repetição esclarece também o seguinte: apesar de toda a compreensão e compaixão com o filho mais velho, o pai não viu a possibilidade de refutar o filho arrependido e de volta somente porque o seu irmão mais velho mostrou dificuldade de aceitá-lo. (Cf. NOUWEN, *A volta do filho pródigo*).

indignatus est autem et nolebat introire (Vulgata)” (v. 28). Não parece correto considerar essa afirmação como atitude definitiva, pensar sobre esse jovem só como sendo mau ou até condená-lo. Na Vulgata, o tradutor, traduzindo essa palavra grega com “indignatus”, semelhante ao “indignado” em português, parece ter percebido isso e quis transmitir este aspecto. De fato, o original grego não significa já uma recusa definitiva. Stählin chama a atenção ao fato que a raiz desse verbo descreve uma certa explosão de raiva, com o perigo de se tornar uma amargura que permanece. Rienecker viu isso expressado também pelo imperfeito do ἠθελεν; este tempo exprime que a recusa de entrar para a festa era “por enquanto”, isto é, enquanto o pai ainda não tinha pedido o filho pessoalmente⁴⁹. Stählin lembra a admoestação de São Paulo aos Efésios: “Podeis irar-vos, contanto que não pequeis. Não se ponha o sol sobre vossa ira, e não deis nenhuma chance ao diabo” (Ef 4,26s). Por conseguinte, sentir ou até expressar a raiva não se pode de antemão declarar pecado ou identificar com ele.⁵⁰

Devemos estar conscientes de que o filho mais velho já sabia há mais tempo da vida pecaminosa do seu irmão. Novo e provavelmente inesperado era, neste mesmo momento, ouvir do arrependimento e da volta dele e, mais ainda, de tal reação do pai, o generoso perdão e amor para com este pecador. Se a raiva é uma reação emocional, não se pode negar que em toda a situação nessa hora não faltavam emoções, como também a de alegria.

Apesar dessas considerações, temos de dizer que o irmão mais velho ficou sim muito irritado. Mesmo quando o pai saiu da festa e o convidou pessoalmente (cf. v. 28), este filho não se acalmou. Pode-se dizer que, pelo contrário, sua emoção “subiu” à razão, de modo que tentou raciocinar e argumentar contra o seu pai. Mas o que ele fez foi responder à justificação do pai, acusando-o de ser injusto!

Mas apesar disso, o pai tinha ainda esperança e por isso continuou a conversa. Tentou tocar o seu coração chamando-o “Filho!”, lembrou-o de que está sempre com ele, e, mais ainda, de que tudo que é do pai, é também do filho, caso se tenha esquecido ou nesse momento de irritação

⁴⁹ Cf. F. RIENECKER, *Sprachlicher Schlüssel zum Griechischen Neuen Testament*, Gießen-Basel, Brunnen-Verlag, ¹⁴1974, 170.

⁵⁰ Cf. G. STÄHLIN, “Der Zorn des Menschen und der Zorn Gottes im NT” em KITTEL-FRIEDRICH, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, vol. V, Stuttgart, Kohlhammer, 1990, 382-448, 419-422.

não esteja ciente disso. E assim, mais uma vez, repete: Venha e entre, precisamos festejar e alegrar-nos (cf. v. 31s).

Jesus não apresenta este segundo filho de imediato com uma reação muito forte e não fala de uma decisão definitiva dele. Se fosse este o caso, a conversa do pai não teria tido sentido. Jesus junta ainda uma frase do pai que já era conhecida antes, no fim da primeira parte da parábola: “Era preciso festejar e alegrarmos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (v. 32). Isto era a conclusão na primeira parte quando o filho mais novo voltou e “começaram a festa” (v. 23-24). Agora, o pai mostra-se ainda convencido que precisava fazer isso.

A pergunta que ficou é só esta: ... continuar a festa *com* este filho mais velho ou *sem* ele? Como sabemos já do fim das duas primeiras parábolas, Jesus não quis responder a essa pergunta, porque, desde o início, quis que os “fariseus e escribas” mesmos dessem a resposta. Ele dirigiu a eles a pergunta inicial: “Quem de vós...?” (v. 4)

b) As duas faces

Jesus descreve este filho mais velho mais concretamente, talvez para provocar a resposta dos seus ouvintes ainda mais fortemente. Jesus mostra duas imagens ou faces dele, uma positiva e outra mais negativa.

De um lado, este filho ficou até agora na casa do pai, zeloso e dedicado, fiel e sempre obediente ao pai: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua” (v. 29). Estas são qualidades que o pai não negou; pelo contrário afirmou quando lhe disse: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu” (v. 31).

Mas, por outro lado, este filho tão bom se manifesta também de uma forma bastante má, fica desorientado: a alegria e o clima de festa para com o esbanjador que regressa, “esta atitude provoca até a inveja do irmão mais velho, que nunca se tinha afastado do pai, nem abandonado a casa paterna”⁵¹. Fica com raiva, fala tão mal do seu irmão, até nega esse relacionamento por chamá-lo diante do pai apenas de “teu filho”; e, o que até aqui o Senhor, contando a parábola, escondeu por pudor, este irmão mais velho afirma, com ou sem fundamento, quem sabe: “Esse teu filho ... esbanjou teus bens com as prostitutas” (v. 30).

⁵¹ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6; cf. Isidoro M. SANS, *La Envidia primigenia del diablo segun la patristica primitiva*, (Diss.), Burgos 1963.

Depois vira-se até contra o próprio pai: Ele lança a acusação contra ele. Acusa-o de um grande erro, ou melhor, de uma grande injustiça contra sua “perfeição”. Ele diz: “Nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo” (vv. 29-30). Enraivece-se, enquanto o pai se enche de compaixão e “é bondoso também para com os ingratos e maus” (Lc 6,35).

Deve-se perguntar se o filho mais velho não está cheio “de noções de ‘direito’ e de ‘dever’, de ‘obrigações’ e de proibições”⁵²? Será mesmo que “Os dois irmãos não conseguem ir além da lógica do dar e receber?”⁵³ Consta que este filho fiel manifesta inveja, ressentimento e rancor; mostra-se ofendido, de mente estreita e mesquinha, preso ao seu sistema e às suas ideias, egoísta, ciumento, invejoso. Mas será que a generosidade do pai para com o filho mais novo, “causará tanta indignação no irmão mais velho”⁵⁴, a ponto dele ser capaz de cometer o mesmo erro do qual o filho mais novo acaba de voltar arrependido? Será que o filho mais velho optará pelo raciocínio em vez do coração, pela justiça em vez do amor, para largar o amor paternal e insistir num direito seu?⁵⁵ Será que agora, quando o filho mais novo mudou o seu caminho do direito ao amor, o mais velho iniciará exatamente o caminho errado do seu irmão, pelo qual ele o condena? Descerá, com um coração endurecido, à comunhão com os diabos⁵⁶, da qual o seu irmão acaba de se libertar? Quando aquele volta ao pai, o outro se afastará dele? Será que quando e porque o pecador alcança a sua salvação, o “justo” a perderá?

Mesmo que pareça já uma atitude mais profunda e firmada nele, há esperança de que esse ainda se converterá e seguirá as palavras do pai, porque a história da parábola ainda não terminou, ou terminou sem conclusão. Deve-se levar em conta que este filho foi surpreendido, e isto depois de um dia de duro trabalho, numa hora, portanto, de grande cansaço. Por isso, há ainda a esperança de que ele se acalme, e que depois de uma primeira revolta forte e exagerada, reconheça o erro da sua atitude e veja a humildade do seu irmão mais novo, sofrido pelo seu grande erro

⁵² BARREIRO, 73.

⁵³ CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 61.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6.

⁵⁵ Cf. RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 184s.

⁵⁶ Cf. J. KNABENBAUER, J., *Commentarius in Quatuor S. Evangelia Domini N. Iesu Christi*, vol. III: *Evangelium secundum Lucam*, Parisiis 1896, 454.

e arrependido, se conscientize do coração generoso e bondoso do pai para com os dois, fique tocado de dor e compaixão, e que ele mesmo se humilhe também e atenda ao pedido do pai e entre para a festa.

II. A pergunta a responder: Amor ou justiça

A decisão diante da qual se encontram o filho mais velho e os destinatários da parábola é esta: Escolher o mistério da misericórdia de Deus Pai com o sacrifício reparador do Filho, que é a revelação e, mais ainda, a prática desse amor misericordioso do Pai, e o amor (do Espírito Santo) que permite que tudo pertença a todos, ou, ao contrário, optar pela justiça, segundo a qual cada um tem apenas o que é seu e que leva a comparações, descontentamentos, inveja, à guerra e morte, como, por fim, de fato aconteceu por estes adversários de Jesus que disseram: “Nós temos uma Lei, e segundo esta Lei ele deve morrer” (Jo 19,7). Isto indica que Jesus apresenta, no fundo, uma opção entre o céu e o inferno!

É preciso um ulterior exame para entender essa alternativa e a gravidade da decisão. Não entra no objetivo desse trabalho, mas merece ser indicado que, em muitos casos, a opção nas decisões da vida é a opção entre o amor e a justiça, mas uma opção pelo amor na base da autoridade de Deus reconhecida pela fé, e a opção pela justiça na base do orgulho do ego que se esconde atrás dessa “justiça”.

“A parábola acaba abruptamente, o êxito permanece uma incógnita.”⁵⁷ Tantos comentaristas observam essa parte. Alois Stöger, por exemplo, diz que a narração pára, sem chegar a uma conclusão⁵⁸. O fato que na parábola a última palavra é do pai acentua fortemente sua bondade e seu amor perdoador; mas também acentua a atenção à decisão final e decisiva do filho mais velho, que era o motivo de todo este ensino de Jesus neste capítulo 15.⁵⁹

⁵⁷ JEREMIAS, 133 (Corrigimos nesta frase a tradução portuguesa, mudando a palavra “saída” para “êxito”, pois a palavra alemã „Ausgang“ não significa, neste contexto, „saída“, mas „êxito“).

⁵⁸ Alois STÖGER, *Das Evangelium nach Lukas*, 2. Teil, Patmos, Düsseldorf 1964, 76.

⁵⁹ Rengstorf precipitou-se com sua conclusão quando disse: “A parábola sugere pensar que o pai não conseguiu levar o filho mais velho ao reconhecimento do mais novo como seu irmão (v. 32)” (K.H. RENGSTORF, *Das Evangelium nach Lukas*, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen ⁴1949, em *Das Neue Testament. Deutsch*, vol. 3, 183).

“A parábola não conta o feliz ou infeliz fim da escolha do mais velho. Se se deixou convencer pelo pai a entrar em casa. Se também ele decidiu pedir a parte que lhe cabia para abandonar a casa paterna.”⁶⁰

1. A misericórdia do pai

O filho mais jovem pediu “segundo a justiça”: “Pai, dá-me a parte da herança que me cabe” (v. 12). O mais velho critica o pai “segundo a justiça” e assim ele estava em perigo de se colocar também “fora da casa”, lá onde a queda do seu irmão mais novo começou cedendo à tentação de não “ir além da lógica do dar e receber”⁶¹: Enquanto um pecador deveria ser punido, o pai organizou uma festa! É esta a acolhida de um preguiçoso e a colheita de alguém que não faz nada? É esta a retribuição que um fugitivo do trabalho merece?⁶² Não deve a recompensa corresponder ao esforço, e o salário ao trabalho? O filho mais velho compara essa reação do pai à volta do mais novo com a maneira como trata a ele, o mais velho; parece que ele não percebe que dessa maneira se coloca a si mesmo já ao nível de um empregado e não filho, de justiça e não mais de amor: a mim que “trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua”, “nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos” (v. 29), mas para este agora organizas uma festa tão solene. Àquele que não trabalha dá... e àquele que trabalha não dá ...! Ele se recusa de chamar bom o que é mau, e que a devassidão seja premiada.⁶³ Não significa tornar-se sujo também aquele que se senta à mesa com pecadores, com um que se sujou com pagãos, prostitutas e porcos? É São Lucas que aponta para esse pensamento dos fariseus numa outra ocasião: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora!” (Lc 7,39).

⁶⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 71. Stöger deixa escapar a verdadeira razão quando afirma que a parábola termina “sem dizer o que o pai fará com o filho mais velho” (Stöger, 76 f; assim também DILLERSBERGER, 76 s). A questão não é o que o pai fará. Toda a meta das parábolas é levar os fariseus e escribas a identificar-se com o filho mais velho e dar a resposta positiva que este ainda era para dar enquanto refletia: vou entrar e farei parte da festa ou ficarei fora e rejeito a misericórdia que o pai mostra ao filho pecador arrependido?

⁶¹ CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 61.

⁶² CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 59-62.

⁶³ Cf. SCHMID, 254-255.

Aquele que se mostrou até aqui fiel no serviço está para se virar contra o pai e seu proceder; achou estranho o pedido do pai, o pedido de subir da lei à caridade, da justiça à misericórdia. Ele parece protestar contra a ameaça da ordem moral, murmura contra tal misericórdia incompreensível. Para onde tal atitude leva, vê-se na paixão de Jesus: os fariseus “não entraram no palácio, para não se contaminarem e poderem comer a páscoa,” mas ao mesmo tempo condenaram Jesus à morte, e ele foi crucificado entre “dois ladrões, um à direita e outro à esquerda” (Mc 15,27), associado a pecadores, um deles arrependido do mal que fez, outro endurecido no mal.

Parece claro que com a parábola do pai misericordioso Jesus queria conscientizar os “fariseus e escribas” da sua responsabilidade pela escolha: ou “estabelecer relações de acordo com o direito e a justiça distributiva, ou inaugurar o caminho tortuoso da graça e da misericórdia”⁶⁴.

É verdade que “na parábola do filho pródigo não é usado, nem uma vez sequer, o termo «justiça», assim como também não é usado no texto original, o termo «misericórdia». Contudo, a relação da justiça com o amor que se manifesta como misericórdia aparece profundamente vinculada no conteúdo desta parábola evangélica. Torna-se claro que o amor se transforma em misericórdia quando é preciso ir além da norma exata da justiça: norma precisa, mas por vezes, [é] demasiado rigorosa.”⁶⁵

Pode-se afirmar: “Indiretamente a parábola estende-se a todas as rupturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e a todo o pecado.”⁶⁶ O que Jesus quer dizer claramente aos seus ouvintes é o seguinte: a Justiça leva ao confronto, e se alguém insiste nela, as partes podem se afastar e se separar; ela pode até levar a matar. A caridade, ao contrário, absorve e transforma à sua semelhança – ela enriquece e une! Santo Tomás cita Santo Agostinho que diz: “Assim como a cobiça nada possui sem angústia, assim a caridade possui tudo sem ela.”⁶⁷ Justiça pode ser exigida, bondade e generosidade são dadas gratuitamente; elas não se contradizem, mas

⁶⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 71.

⁶⁵ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 5.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ *Catena aurea*, ad locum (p. 220); cf. a discussão de Deus Pai e Filho com a Misericórdia e Verdade na homilia de São Bernardo no dia da Anunciação ou Encarnação do Filho de Deus, em que nem a Misericórdia criada nem a verdade tinham “encontrado o que tanto desejaram” (S. Bernardo, *Serm. en la anunciación*, I., 9-14, em SAN BERNARDO, *Obras Completas*, vol. I, BAC, Madrid 1953, 661-665, 664).

também não se equiparam.⁶⁸ De São Jerônimo temos a fórmula tão verdadeira: “Toda a justiça em comparação à justiça de Deus é injustiça.”⁶⁹

Romano Guardini oferece palavras bem ponderadas:

Assim, o regresso do mais novo faz soar para o mais velho a hora de destino. A parábola não acrescenta nada mais a respeito dele, mas *certamente ele encontra-se diante duma alternativa dum alcance decisivo*. Se ele se restringe à simples justiça, viverá numa estreiteza que o privará da sua liberdade de espírito e de coração. Tudo irá bem, pelo contrário, se ele apreende o verdadeiro sentido das palavras de seu pai; se ele compreende a verdadeira natureza do perdão e da conversão e, assim, entra no reino da liberdade criadora que está para além da justiça.⁷⁰

Para esclarecer ainda mais este problema do filho mais velho, a opção pela justiça ou pelo amor, vários autores relacionam essa parábola com “a parábola dos trabalhadores na vinha”, contada por São Mateus⁷¹. Trabalhadores foram chamados nas várias horas do dia, uns “em plena manhã” e o proprietário combinou com eles de pagar “o que for justo”; a outros chamou apenas “no fim da tarde” (vv. 3 e 6). Quando ao fim do dia todos receberam a mesma “diária”, os da primeira hora se irritaram e murmuraram “contra o proprietário” (Mt 20,11), como na nossa parábola,

⁶⁸ BARREIRO, 77; São Gregório faz uma análise importante: “Por esta razão se conclui que a verdadeira justiça tem compaixão e a falsa a despreza; mesmo que os justos, com razão, não se sintam bem com os pecadores. Mas, uma coisa é quando se faz algo por soberba e outra quando se age por zelo pela disciplina. Pois os justos, mesmo se exageram exteriormente nas repreensões pela disciplina, interiormente conservam a doçura da caridade, e em geral dão preferência àqueles que devem corrigir em vez de si. Agindo dessa maneira, preservam os súditos na disciplina e a si mesmos na humildade. Ao contrário, aqueles que costumam gloriar-se pela falsa justiça, desprezam os demais, não têm nenhuma misericórdia com os que estão doentes, e porque se consideram ser sem pecado tornam-se ainda mais pecadores. Deste grupo são os fariseus que censuraram o Senhor porque tinha recebido os pecadores e assim repreenderam, com coração seco, aquele que é a fonte mesmo da caridade. Mas como estavam doentes, ignoraram o seu estado, e o médico celeste usa com eles remédios suaves até que reconheçam o seu estado. Disto segue, ‘Então ele contou-lhes esta parábola...’” (*Catena aurea*, ad locum, p. 213).

⁶⁹ “Omnis iustitia in comparatione Dei est iniustitia” (*Catena aurea*, ad locum, p. 221).

⁷⁰ R. GUARDINI, *O Senhor. Meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*, Ed. AGIR, Lisboa 1964, IV, 7, 259-265, 262 (destaque nosso).

⁷¹ Cf. C. LAPIDE, *Commentaria in Scripturam Sacram*, t. XVI, “In SS. Lucam et Ioannem”, Parisiis, 1858, 202-213, 212, KNABENBAUER (457), SCHMID, GUARDINI (262-265), JEREMIAS (38, 133, 138-141), STÖGER (75) e outros. Schmid e Rengstorf lembram também os dois irmãos em Mt 21,28-32 onde o pai exige obediência, em Lc 15 exclusivamente bondade que perdoa.

o filho mais velho se indignou contra o pai, e como “os fariseus e os escribas murmuravam contra” Jesus (Lc 15,2). Os primeiros trabalhadores na vinha expressaram fortemente sua surpresa: “Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor ardente” (v. 12); e o acusaram de ser injusto. Porém, o proprietário se explicou e se justificou extensamente, e no fim, Jesus deixou também nessa parábola indefinido se os da primeira hora aceitaram o que foi combinado, ou se se irritaram tanto que na cegueira da sua ira lhe viraram as costas e foram embora até sem a sua parte, preferindo antes perder tudo do que serem tratados como “os últimos”⁷².

Nesta, como na outra, “o final da parábola fica em aberto”⁷³, e a questão é, numa e na outra, a justiça contra o amor generoso.

2. O amor sacrificial eucarístico do Filho de Deus

A segunda objeção do filho mais velho não aponta tanto para a preguiça paga com uma festa, enquanto o trabalho fica remunerado sem festa. Sua segunda e principal objeção é o novilho gordo contra o cabrito: “Quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo” (v. 30). Se escutarmos bem, nem é a questão de cabrito ou novilho gordo, pois como afirma, nem um cabrito recebeu. Então seria antes o nada contra o tudo: o nada para os que são fiéis e o

⁷² “Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao administrador: ‘Chama os trabalhadores e faz o pagamento, começando pelos últimos até os primeiros!’ Vieram os que tinham sido contratados no final da tarde, cada qual recebendo a diária. Em seguida vieram os que foram contratados primeiro, pensando que iam receber mais. Porém, cada um deles também recebeu apenas a diária. Ao receberem o pagamento, começaram a murmurar contra o proprietário: ‘Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor ardente’. Então, ele respondeu a um deles: ‘Companheiro, não estou sendo injusto contigo. Não combinamos a diária? Toma o que é teu e vai! Eu quero dar a este último o mesmo que dei a ti. Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja porque estou sendo bom?’ Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (Mt 20,8-16; cf. BARREIRO, 75-76).

⁷³ BARREIRO, 79; para a nossa reflexão, o encontro de Jesus com o “jovem rico” é interessante: “Jesus lhe disse: ‘Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me’. Quando ouviu isso, ele [o jovem] ficou triste, pois era muito rico” (Lc 18,22-23). São Lucas não conta que o jovem foi embora, mas apenas que se entristeceu; quer dizer, também aqui parece que nos encontramos diante de uma pessoa abalada pelas exigências de Jesus e que precisa de “um tempo” para refletir e decidir-se.

tudo para quem não fez nada. A justiça diria o contrário, mas a misericórdia do pai vira isso “de cabeça para baixo”. Quem pode compreender isso e, mais ainda, aceitar?

Essa dificuldade cresce ainda quando se considera a mensagem na sua intenção teológica-salvadora em que o pai dos dois filhos representa Deus Pai e esse “novilho gordo” representa o próprio Filho de Deus. Pois este foi enviado ao mundo para procurar e salvar esse filho pródigo. Esta temática é introduzida pelo pai quando corrige o filho mais velho com a confirmação: Tudo o que é meu é também teu! Entre nós não existe o tudo e o nada, mas tudo é de todos; só quem se separa chegará a nada, e é mesmo nada.

No original grego, todas as três vezes (vv. 23, 27 e 30) o animal é indicado com o artigo determinado, “ho”, por isso é um animal bem determinado e específico, como se o dono tivesse *um só* desse gênero ou, ao menos, fala de *um só* novilho gordo. E “de fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu *Filho único*, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16-17). Encontramos essa interpretação já na patrística e até no nosso tempo: se trata de Cristo, do Filho unigênito e eterno do Pai eterno, referindo-se à sua Paixão e morte⁷⁴. “Cristo deve ser interpretado como o sacrifício oferecido pelo pecado”⁷⁵.

No contexto do banquete e da festa, esta doação do Filho de Deus é entendida incluindo a sua doação eucarística, sendo a Eucaristia o sacramento de união entre Deus e os homens.⁷⁶ É o

⁷⁴ “In hoc autem quod dicit ‘Occidisti illi vitulum saginatum’, confitetur venisse Christum, sed invidia non vult salvari” (HIERONYMUS, em *Catena aurea*, ad locum, p. 220; cf. o conflito sobre Jesus eucarístico: Jo 6,41. 52. 60-61).

⁷⁵ JUST, 347.

⁷⁶ “Na festa, que é então organizada, eles [os Padres da Igreja] vêem uma imagem da festa da fé, da eucaristia festiva, na qual é antecipada a eterna refeição festiva” (RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 182). “Occiditur et vitulus saginatus, ut carnem Domini spiritual opinam virtute per gratiam sacramenti mysteriorum consortio repositus epuletur.” (Sancti Ambrosii, *Expositio Evangelii secundum Lucam*, Lib. VII; PL XV, 1527-1850, 1761). “In isto convivio cerni dapem eucharisticam (isto é, o sacrifício eucarístico) satis quidem obvium videtur; et revera longe plurimi in vitulo saginato et mactato Christum pro peccatis oblatum agnoscunt” – segue uma lista de autores – “qui omnium consensu sanctum Christi corpus designari ait” (KNABENBAUER, 456).

Cristo sacrificado segundo o desígnio do Pai. E matou para ele um⁷⁷ novilho gordo: aquele do qual cantava Davi: “Fui grato ao Senhor mais que um novilho com chifres e casco” (Sl 68, 32 LXX). O novilho é matado porque assim o ordenou o Pai, porque Cristo Deus, Filho de Deus, não podia ser matado sem a vontade do Pai. Escute o apóstolo: “Aquele que não poupou seu próprio filho, mas o entregou por todos nós” (Rm 8, 32). Este é o novilho imolado cada dia e para sempre para o nosso banquete.⁷⁸

São Jerônimo disse: “Com a frase ‘mataste para ele o novilho gordo’ o filho mais velho confessa que havia chegado Jesus Cristo, mas por causa de sua inveja, não quer salvar-se”⁷⁹. “Exatamente o mesmo Jesus para uns torna-se causa de queda e para outros, causa de erguimento e de salvação.”⁸⁰

Depois de dois mil anos de reflexão teológica e de ensino do Magistério, parece necessário inserir aqui uma observação sobre o valor desse sacrifício do Filho na Cruz. A matança do novilho gordo, isto é, o sacrifício do Filho de Deus encarnado significa expiação e tem valor expiatório porque *faz justiça a Deus Pai*, a única justiça plenamente satisfatória, por ser infinita, para as ofensas infinitas dos pecados contra o Deus infinito.⁸¹ Essa permite ao pai na parábola olhar mais para o fato da

⁷⁷ Infelizmente, tantas traduções, como esta, não traduzem fielmente o texto evangélico, pois este não fala de “um” novilho gordo, mas de “o” novilho gordo.

⁷⁸ Pedro CRISÓLOGO, Sermão 5, 6; CCL 24, 40-41, em JUST, 346; refere-se também a Irineo de Lião, *Contra las herejias*, 3, 11.8; SC 211, 164-166; ibid. 346s. “Quem vê ainda mais profundamente, como o Senhor precisava assumir a morte para preparar esse banquete para os pecadores, como só com o sacrifício de sua vida ele podia mostrar a tremenda ânsia de Deus pelo banquete de reconciliação com os pecadores, já não pode aceitar aquela objeção que diz que aqui na parábola não se pode reconhecer nada do sacrifício da cruz e Sangue expiador de Cristo. Pelos que sabem, está contido suficiente disto!” (DILLERSBERGER, 84).

⁷⁹ “Inveja – o tema primitivo da história da humanidade” (DILLERSBERGER, 81s.); Tertuliano, em LAPIDE, 213.

⁸⁰ RENGSTORF, 183; cf. Lc 2,34. “A misericórdia apresentada por Cristo na parábola do filho pródigo tem a característica interior do amor, que no Novo Testamento é chamado «ágape». Este amor é capaz de debruçar-se sobre todos os filhos pródigos, sobre qualquer miséria humana e, especialmente, sobre toda miséria moral, sobre o pecado” (JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6).

⁸¹ “... o valor infinito e inesgotável que têm junto a Deus as expiações e os méritos de Cristo, nosso Senhor, oferecidos para que a humanidade toda seja libertada do pecado e chegue à comunhão com o Pai. É em Cristo, nosso redentor, que se encontram em abundância as satisfações e os méritos de sua redenção” (Paulo VI, em CIC 1476).

volta e do arrependimento do que para a ofensa anterior, ou, em termos teológicos: O sacrifício do Filho de Deus permite a Deus Pai oferecer o seu amor perdoador a cada pecador arrependido. Se se olha para isto apenas no nível e horizonte humanos parece ser contra a justiça. Porém, a divina misericórdia não é contra a justiça divina, pois diante do Pai, o Filho fez justiça e deu satisfação adequada pelos pecadores; justificou-os diante de Deus. Às criaturas basta virar-se ou converter-se a ele, e dar-lhe licença para doar seu amor, como fez a Virgem Maria com o seu consentimento na anunciação: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38); e como depois o próprio Filho de Deus sugere aos indecisos a se decidirem e dizerem: “Seja feita a tua vontade, como no céu, assim também na terra” (Mt 6,10).

Esta é, portanto, a revelação e mensagem que Jesus, em nome do Pai, dá através dessas parábolas: Deus Pai, no seu amor misericordioso, oferece às criaturas com livre vontade, o perdão e a união consigo no Banquete Eucarístico do seu Filho em virtude do seu sacrifício reparador e expiatório e por seus méritos.

3. *A união universal pendente*

Chegamos à terceira característica do evangelho de São Lucas, a universalidade. Já nas duas primeiras parábolas temos a presença de todas as criaturas, ou seja, também dos “anjos de Deus”; eles se alegram com a conversão de um só pecador que se converte. Já tendo visto na terceira parábola a presença de Deus Pai e Filho com seu Amor, pode-se esperar que também nesta ilustração do plano de Deus não faltará a dimensão universal incluindo também os espíritos celestes. Para ver isso, devemos perguntar a quem representam as duas figuras, os dois filhos.

A história do filho mais novo é concluída com a volta do pecador arrependido e o perdão do pai. Ela é conhecida como ilustração da mensagem da misericórdia divina. Este drama continua na vida de cada pessoa, hoje e até o fim dos tempos. São João Paulo II liga a queda do filho mais novo até com a perda do pecado original, retrocedendo, portanto, até o início:

Este filho, que recebe do pai a parte da herança que lhe toca e deixa a casa paterna para esbanjar essa herança numa terra longínqua “vivendo dissolutamente”, em certo sentido é o homem de todos os tempos, a começar por aquele que foi o primeiro a perder a herança da graça e da justiça original. Neste ponto a analogia é muito vasta. Indiretamente a parábola

estende-se a todas as rupturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e todo o pecado.⁸²

Lemos no Catecismo da Igreja que o Filho do Homem “vai procurar Adão, nosso primeiro pai, a ovelha perdida” (CIC 635). Então o Papa volta a Adão, “o primeiro a perder a herança da graça e da justiça original”, mas com isso estende a representação a todos os homens, também aos ainda não nascidos.⁸³

Mas, se o filho mais novo representa todos os homens, sendo todos pecadores, a quem representará então o filho mais velho? No entanto, primeiro é necessário completar a consideração a respeito do filho mais novo: ele representa todos os que caíram, sim, mas entre eles apenas aqueles que se arrependeram e voltaram para Deus.⁸⁴ Deve-se, por conseguinte, distinguir entre pecadores arrependidos e pecadores que não decidiram converter-se!

Para responder à pergunta, quem o filho mais velho representa, os exegetas expõem várias ideias. Serão os fariseus e escribas, a quem Jesus conta a parábola diretamente (cf. v. 2), ou são os “justos” em geral?

Santo Ambrósio pensa que o filho mais velho aparece como os *fariseus* que se justificam, pois observam a lei ao pé da letra, mas acusam ao seu irmão sem piedade⁸⁵, “se preocupam com a lei, mas lhes falta o amor ao

⁸² JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 5.

⁸³ J. Dillersberger é ainda mais explícito, falando da “Trindade de Deus, de todos os coros dos Anjos” (seg. a interpretação das nove moedas) e “dos 99 justos até o último pecador na terra” (DILLERSBERGER, 71-84, 83). G. Heyder diz: “O filho mais novo abandona a amizade com Cristo e a familiaridade com os Anjos e Santos. Para isso troca a sociedade com pecadores – depois com porcos. No filho pródigo é descrito também o destino de toda a humanidade que pelo pecado abandonou a casa paterna de Deus no paraíso e que é trazido ao caminho à casa celeste pelo amor redentor de Cristo que foi ao seu encontro.” (G. HEYDER, *Das Leben Jesu. Die vier Evangelien in Synopsen-Harmonie*, Regensburg 1979, 258).

⁸⁴ “Os Padres da Igreja colocaram todo o seu amor na explicação desta cena. O filho perdido torna-se para eles a imagem do homem em si, de ‘Adão’, que somos todos—daquele Adão, de quem Deus foi ao encontro e que agora acolheu de novo na sua casa” (RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 182).

⁸⁵ “Pharisaei justificantis se arroganti prece qui putabat quod nunquam praeterierit mandatum Dei, quia Legem servabat in litteris. Impius, qui accusabat fratrem...” (S. Ambrosii, *Expos. Evangelii sec. Lucam*; PL XV, 1763 C).

irmão!”⁸⁶ Eles se colocam em oposição a Deus e não compreendem a vontade de Deus que quer a salvação de todos. Sua piedade sem caridade se baseia numa compreensão falsa de Deus. A parábola quer dizer que no relacionamento do homem com Deus deve-se antes de tudo confiar na sabedoria e no amor de Deus, pois vimos que sua misericórdia não exclui, mas sim, transcende à justiça (cf. Is 55,8s).

Outros discutem se o filho mais velho representa o *povo eleito, Israel*, que Deus conduziu para a terra prometida; são aqueles que estão sempre com o Pai, isto é, seriam os da linhagem dos Santos do Antigo Testamento e que seria por eles que Cristo nasceu, segundo São Pedro Crisólogo.⁸⁷ Quando o filho mais velho volta do campo, significa que o povo da Lei

... não quer entrar. Isto vemos todos os dias com os nossos olhos; porque o Judeu vem a casa do pai, isto é, a Igreja; se fica fora por inveja, ouve a cítara de Davi e a música da assembléia profética, ouve os coros de várias assembléias de povos e não quer entrar por inveja. Ficando fora, enquanto julga e se escandaliza do irmão gentio pela sua conduta precedida, se priva e se exclui dos bens e das alegrias paternas⁸⁸.

Porém se levantam não poucas objeções contra esta interpretação. São Cirilo de Alexandria considera que não se pode dizer que Israel teria escolhido uma vida sem culpa; toda a Sagrada Escritura fala da rebeldia e desobediência dos judeus. Ou

como poderia honestamente Israel dizer que a ele nunca lhe deu um cabrito? Cristo ... não foi somente sacrificado para os pagãos mas também para redimir Israel, que por transgredir frequentemente a Lei se fez a si mesmo portador de grande culpa ... (cf. Hb 13,12)⁸⁹.

Além disso, observa São Cirilo de Alexandria: “há entre os gentios também uns que ouvem a música de salvação, mas rejeitam entrar”, como faz o filho mais velho, de modo que se pode dizer com Knabenbauer:

⁸⁶ STÖGER, 75; cf. STOTMANN, 148; RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 185s.

⁸⁷ Cf. JUST, 347.

⁸⁸ Cf. Pedro CRISÓLOGO, Sermão 5,7; em JUST, 347; “Symbolice, notat Deum per Christum et Apostolos invitasse et rogasse pharisaeos et Judaeos Christo incredulos, ut in Christi Ecclesiam ingrederentur, ibique communi fidelium epulo et gaudio fruerentur; sed illi id facere noluerunt ex odio et invidia, tum Christi a se crucifixi, tum Gentilium in Christum credentium.” (LAPIDE, 212).

⁸⁹ JUST, 347.

“Nem do povo judaico, nem dos fariseus vale o que o filho mais velho afirma de si, nem vale o que o pai disse dele”⁹⁰.

Então, a quem representa o filho mais velho? Devemos pensar nos pecadores com coração endurecido diante da decisão exigida por Deus que, porém, ainda não se decidiram definitivamente, que são ainda indecisos, começando com os fariseus e escribas do tempo de Jesus e de todos os tempos?

Jesus os conta entre os que estão em perigo eminente de serem perdidos, e exatamente pela parábola está buscando-os, como o pastor na primeira parábola buscou a ovelha perdida. Jesus nos salvou da perdição e da morte; pois veio “para iluminar os que estão nas trevas, na sombra da morte” (Lc 1,79). Essas palavras concluem como um refrão a primeira e segunda parte da parábola, a narração da severidade sem misericórdia e estreiteza do filho mais velho. Assim é Deus – assim é o fariseu! Porém, “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).⁹¹

A finalidade imediata da parábola é de acordar os fariseus e escribas.⁹² “Jesus fala ao coração dos fariseus e dos escribas”⁹³, daqueles que “murmuravam contra ele. ‘Este homem acolhe os pecadores e come com eles’.” (Lc 15,2). Por isso, é importante entender o seguinte:

A parábola do filho perdido não é primariamente anúncio da boa-nova aos pobres, mas justificação da boa-nova perante seus críticos. Portanto, o fato de o amor de Deus ser assim tão ilimitado é que é a justificação de Jesus.⁹⁴

Esse final aberto é intencional. Ele põe o leitor / ouvinte diante de uma opção inevitável: abrir-se ou fechar-se ao amor de Deus que acolhe e perdoa sempre, total e incondicionalmente, a todos os seus filhos⁹⁵.

A justificação da boa-nova torna-se censura e apelo aos corações dos seus críticos⁹⁶.

⁹⁰ KNABENBAUER, 454.

⁹¹ DILLERSBERGER, 72.

⁹² Cf. Teofilacto; em LAPIDE, 213.

⁹³ RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. I*, 185.

⁹⁴ JEREMIAS, *Parábolas*, 133.

⁹⁵ BARREIRO, 80.

⁹⁶ JEREMIAS, 134.

Deus quer a decisão de todos. “A decisão de escolher ou rejeitar o amor gratuito de Deus é nossa (vv. 31-32)”⁹⁷.

É pela recusa da graça nesta vida que cada um já se julga a si mesmo (cf. Jo 3,18; 12,48), recebe de acordo com suas obras (cf. 1Cor 3,12-15) e pode até condenar-se para a eternidade ao recusar o Espírito de amor (cf. Mt 12,32; Hb 6,4-6; 10,26-31). (CIC 679).

Todos se encontravam diante de Jesus, porém estavam divididos: Uns “aproximavam-se de Jesus para o escutar”, outros “murmuravam contra ele” (Lc 15,1 e 2)! Com três parábolas Jesus se dirigiu particularmente aos últimos, aos “fariseus e os escribas”, àqueles que mais precisavam de misericórdia e cura.

Mas a parábola é para todos, entendida num horizonte muito mais amplo do que apenas direcionada aos “publicanos e pecadores, fariseus e os escribas” presentes. Jesus se dirigiu a todos os homens, aos arrependidos, com a oferta do perdão, e aos ainda indecisos com o pedido de se dirigirem a Ele com confiança! Todos são “convidados ao único e grande amor fraterno que então abraça tudo, descendo da Trindade de Deus, passando por todos os coros dos Anjos e incluindo no seu círculo os noventa e nove justos como os últimos pecadores na terra”⁹⁸. “O nervo de todo o discurso parece estar aqui, neste convite”⁹⁹.

Jesus escolheu na segunda parábola a moeda, ou seja, um elemento do mundo puramente material, e na primeira a ovelha, ou seja, um ser vivo irracional. Na terceira usou, para ilustrar sua intenção, o exemplo de um homem, ou seja, uma criatura racional, espiritual.

Voltamos aqui à pergunta já levantada anteriormente: Nas duas primeiras parábolas encontramos uma referência aos Anjos, espíritos puros. Será que esta faltará na terceira parábola, que explicitamente fala, com o novilho gordo, do próprio Jesus, a quem mais tarde os apóstolos caracterizam como aquele “a quem estão submissos os anjos, as dominações e as potestades” (1 Pd 3,22), e diante de quem “todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua confesse: ‘Jesus Cristo é o Senhor’, para a glória de Deus Pai” (Fil 2,10-11)?

⁹⁷ BARREIRO, 79.

⁹⁸ DILLERSBERGER, 83.

⁹⁹ STROTMANN, 146: “Le nerf de tout le discours semble être ici, dans cette invitation.”

C. A interpretação de Santa Hildegarda

Santa Hildegarda (1098-1179), Doutora da Igreja, comentou duas vezes essa terceira parábola do capítulo 15 de São Lucas. Num destes comentários, ela vê no pai Deus que “tinha dois filhos, os Anjos e o homem”, um mais velho ou criado primeiro e outro mais jovem ou criado por último.¹⁰⁰

Vejamos primeiro o texto dela, que é pouco conhecido. Em seguida, tentaremos entender e seguir essa sua visão.

I. Texto de Santa Hildegarda

Homo quidam, scilicet Deus, *habuit duos filios*, videlicet angelos et hominem. *Et dixit adolescentior ex illis*, scilicet homo, *patri Deo: Pater da mihi portionem*, scilicet possibilitatem, *substantiae*, videlicet perfectionis in opere *quae me contingit ex natura*, ut illud perficiam. *Et divisit illis substantiam*, ut operari possent.

Et non post multos dies quia homo parvum tempus in Paradiso fuit, *congregatis omnibus voluntatibus suis*, *adolescentior filius peregre profectus est*, id est de Paradiso expulsus, *in regionem longinquam*, videlicet in mundum, *et ibi dissipavit substantiam suam*, id est opera sua, *vivendo luxuriose*.

Et postquam omnia consummasset, scilicet postquam omnia opera sua deturpasset, *facta est fames valuda*, quia saturitatem non habebat, *in regione illa*, videlicet in mundo, ubi verum Deum non colebant, *et ipse coepit egere in idolis*. *Et abiit per avia*, et *adhaesit uni civium*, id est Diabolo *regionis illius*, mundi, *et misit illum* suggestionem in *villam suam*, scilicet in legem suam, *ut pasceret porcos*, videlicet ut nutriret confusionibus et turpitudinibus concupiscentias suas. *Et cupiebat implere ventrem suum*, id est comprehensionem totius spiritus sui, *de siliquis*, scilicet vitiis, *quas porci*

¹⁰⁰ HILDEGARD VON BINGEN, “Expositiones evangeliorum”, „XII. In Sabbato ante Dominicam tertiam Quadragesimae II. Alio modo“, em *Analecta Sanctae Hildegardis Opera Spicilegio solesmensi parata*, Joannes Baptista Card. Pitra, ed., Sacri Montis Casinensis, 1882, 245-327, 280-282; mais recentemente encontra-se o texto em duas traduções alemãs: em H. SCHIPPERGES, *Die Welt der Engel bei Hildegard von Bingen*, O. Müller Verlag, Salzburg 1963, 7-10; e em: HILDEGARD VON BINGEN, *Explanatio quorundam Evangeliorum – Auslegung einiger Evangelien*, übers. durch P. S. Holdener, Nika Verlag, Landshut 1997, 12.2 (2. Weg), 80-83. O texto ainda não é oferecido em tradução portuguesa; porém, se começou com a publicação das Obras da Santa como com *SCIVIAS (Scito vias Domini)*. *Conhece os caminhos do Senhor*, ed. Paulus, São Paulo 2015.

manducabant, videlicet concupiscentiae vitiorum, *et nemo illi dabat*, quia Deus ad mala se non coniungit, nec Diabolus ullam saturitatem alicujus boni in eis dare potest.

In se autem reversus, ita quod recordatus est a quo creatus esset, cum Deus Abrahae circumcisionem dedit, *dixit: Quanti mercenarii in domo patris mei*, qui Deum pro superna mercede colebant, velut iusti qui ante circumcisionem fuerunt, ut Noe, Enoch, Abel et caeteri similes, *abundant panibus*, id est iustitia. *Ego autem hic fame porco*, quia nullam saturitatem vitae habeo. *Surgam* a cultura idolorum, *et ibo* per circumcisionem *ad patrem meum*, *et dicam ei*, ipsum colendo: *Pater, peccavi in coelum*, quia solem, lunam et stellas adoravi, *et coram te*, ubi te deserui; *jam non sum dignus vocari filius tuus*, sicut illi qui te colendo sciebant, *fac me sicut unum de mercenariis tuis*, scilicet similem illis qui vitam aeternam promerentur.

Et surgens a cultura daemoniorum, *venit* in montem Sina, *ad Patrem suum*, per Moysen, Legem suscipiens. *Cum autem adhuc longe esset*, in Lege, quia Lex hominem ad vitam reducere non potuit, *vidit illum pater ipsius*, ubi propheta misit, loquentes de incarnatione Filii Dei, *et misericordia motus est*, ubi Gabriel Angelus Christum Mariae Virgini nuntiavit. *Et accurrens* in ipsa salutatione Mariae *cecidit super collum ejus*, ubi coelestis Pater misit Verbum in Jacob, et cecidit in Israel, *in collum* fortitudinis in Iudaea, ubi Spiritus Sanctus supervenit in Mariam in conceptione ipsius, *et osculatus est eum* ab osculo oris sui in nativitate Filii sui.

Dixitque ei filius, scilicet homo: *Pater, peccavi in coelum*, in superiori creatura siderum, in cultura idolorum, *et coram te*, te negando, *jam non sum dignus*, quia transgressor sum, *vocari filius tuus*. Sed de mercennariis silet, quia de transacto opere suo nullam mercedem sperat, se tantum in gratiam Dei ponens.

Dixit autem pater ad servos suos, apostolos, ubi a Christo vocati sunt: *Cito nihil tardantes, proferte stolam primam*, scilicet vestem quam Adam in Paradiso perdidit, *et induite illum* novum hominem, *et date annulum*, videlicet fidem *in manu ejus*, ut fidem operibus impleat, *et calciamenta in pedes*, scilicet mortificationem carnis in praeparatione Evangelii. *Et adducite vitulum saginatum*, quando Filius Dei, qui pasqua vitae credentibus attulit, ad Caipham et ad Pilatum adductus est, *et occidite*, ubi crucifixus est, *et manducemus*, ubi in passione sua attritus est, et epulemur in resurrectione ipsius: *quia hic filius meus*, scilicet homo mortuus erat, scilicet innocentiam quam in coelestibus habuit, perdidit, *et revixit* in agnitione Dei; *perierat*, quia cibum vitae non habebat, *et inventus est* in gemitu poenitentiae. *Et coeperunt epulari*, ubi apostoli confortati sunt, cum Spiritus Sanctus in igneis linguis super eos venit.

Erat autem filius ejus senior, id est angeli qui ante hominem creati sunt, *in agro*, scilicet in coelesti cultura. *Et cum veniret* per supernam missionem, *et appropinquaret domui*, scilicet cum ad homines in majori dilectione quam prius fecissent, descenderent, *audivit symphoniam*, videlicet rumorem bonae laudis, ita quod apostoli faciebant prodigia et signa magna in populo, *et chorum*, id est completionem justitiae. *Et vocavit unum de servis*, scilicet unitatem prophetiae, *et interrogavit*, quaerens scilicet mystica prophetarum, *quae haec essent*, mira quae videret. *Isque dixit illi* per oracula prophetarum: *Frater tuus*, scilicet homo, *venit* ad poenitentiam, *et occidit pater tuus Deus vitulum saginatum*, videlicet tradidit pro eo Filium suum, quia salvum illum recepit, de diabolica potestate ereptum.

Indignatus est autem, id est admiratus est stupendo, quomodo haec fieri possent, *et nolebat intrare*, quia passione Christi non indigent, nec gaudio quod super uno peccatore poenitente fit.

Pater ergo illius egressus, in ostensione voluntatis misericordiae suae, *coepit rogare illum*, ubi angelos misit in salutem populi per admonitionem Spiritus Sancti in reaedificatione Ecclesiae, cum angeli ad necessitates hominum mittuntur. *At ille respondens*, scilicet ruminantes sciscitatione Dei, *dixit patri suo: Ecce tot annis*, id est omni tempore ex quo creatus sum, *servio tibi*, conjunxi me servituti tuae, *et nunquam dedisti mihi haedum*, scilicet dedisti mihi ullam partem poenitentiae in gratia in qua peccata fratris mei redemisti, *ut cum amicis meis*, videlicet hujusmodi signis et mirabilibus ac virtutibus *epularer*, id est novum gaudium in nova symphonia haberem. *Sed postquam filius tuus hic*, qui creatura tua est, *qui devoravit* id est consummavit *substanciam suam cum meretricibus*, scilicet perficiendo opera sua cum gulosis vitiis, *venit*, id est ad te rediit in poenitentia, *occidisti illi vitulum saginatum*, cum ostendisti ei effusionem sanguinis Filii tui, qui pinguedinem vitae credentibus attulit.

At ipse Deus dixit illi in admonitione: *Fili, tu semper mecum es* in puritate et sanctitate, faciem meam continue inspiciendo, quia homo dum in mortali corpore est, faciem meam videre non poterit, *et omnia mea*, scilicet miracula illa, quae in fratre tuo perfeci, *tua sunt*, quoniam tu inter me et hominem internuncius semper eris. *Epulari autem*, quia in sanguine Filii mei redemptus, et in effusione Spiritus Sancti homo confortatus est, *et gaudere oportebat*, in resurrectione perditionis hominis, *quia frater tuus*, homo *mortuus erat* in coelestibus et in bona scientia, *et revixit*, in agnitione Dei et in radice justitiae; *perierat*, quia ante oculos Dei cibo vitae carendo clarus non apparuit, *et inventus est* in Christo per gemitum poenitentiae, redemptus sanguine ipsius.

II. A interpretação da parábola por Santa Hildegarda

Santa Hildegarda segue fielmente o texto do evangelho, destacado aqui em itálico. Ao ler o texto, insere, sempre com poucas palavras, a sua interpretação ou “sua leitura”.

1. O pai e o filho mais novo

A interpretação do pai dos dois filhos como Deus é imediata. Ela inicia assim: “Um certo homem, quer dizer Deus.” Esta identificação era já no tempo dela, como é hoje, comumente aceita: “Não há dúvida ... a figura do pai revela-nos Deus como Pai.”¹⁰¹ Sem alguma justificação a mais, disse que os seus dois filhos são “os anjos” em plural e “o homem” em singular. Com isso abriu o caminho para a sua explicação da parábola.

Já foi dito que o filho mais novo representa todos os homens. Ele é distinto do irmão mais velho, ou seja, dos Anjos; e Hildegarda traduz logo a história do filho pródigo e os seus diversos passos para as estações da história da humanidade. Este é um pormenor que se encaixa nas interpretações comuns. Ela faz as seguintes observações:

- O pedido do filho mais novo pela parte de sua herança – corresponde ao pedido de poder agir segundo a sua natureza;
- e sua partida para o mundo, à saída do paraíso;
- seu estilo luxuoso de vida no mundo significa o gasto de suas capacidades;
- o sofrimento da fome indica o vazio do mundo sem Deus;
- sua vida desenfreada e viciada a Santa interpreta como queda na dependência do diabo como senhor do mundo. Depois,
- seu cair em si e refletir sobre os criados em casa, isto é, a vida dos Santos do tempo do Antigo Testamento,
- o levou a resolver voltar para a casa do pai – ele largou a “cultura dos demônios” e aceitou os Dez Mandamentos.

Porém, ainda longe, porque só a observância da lei não pode salvar, vem Deus ao seu encontro:

O pai o avistou de longe – o que Hildegarda interpreta como o anúncio da Encarnação pelos profetas;

¹⁰¹ JOÃO PAULO II, *Misericórdia*, 6.

o pai foi tomado de compaixão e correu ao encontro do filho – isto teria acontecido quando São Gabriel anunciou à Maria que deveria conceber o “Filho de Deus”;

o pai “abraçou-o e o cobriu de beijos” – na concepção e no nascimento do Filho de Deus.

O filho mais novo confessou seus pecados, mas não teve mais coragem de pedir para tornar-se um empregado, pois, disse a Santa, “depois de todos os seus pecados só podia entregar-se à graça de Deus”.

- O pai chamou os empregados – entendendo que são os apóstolos,
- e pediu para dar a “primeira túnica” – a vestimenta da graça perdida no paraíso por Adão,
- o anel no dedo – é a fé com obras,
- e as sandálias aos pés – com a mortificação da carne.
- Pediu para trazer o novilho gordo e matá-lo – que seria o símbolo do processo, da crucificação e morte de Jesus,
- o banquete festivo – é o símbolo da ressurreição.

Este Meu filho, quer dizer o homem, estava morto, isto é, tinha perdido a sua inocência, o respeito de realidades mais altas, e voltou a viver no reconhecimento de Deus; tinha sido perdido porque não tinha o alimento da vida e foi encontrado a gemer na penitência. “E começaram a festa” em que os apóstolos foram fortalecidos enquanto o Espírito Santo veio sobre eles em línguas de fogo.

2. O filho mais velho e os Anjos

É difícil aceitar a interpretação do filho mais velho como representante dos Anjos, quando se considera, lendo a parábola rápida e superficialmente, a atitude de raiva e rebeldia que o filho mais velho manifestou, apresentando-se como um servo perfeito. Por isso é preciso uma consideração mais aprofundada.

Santa Hildegarda descreve a segunda parte da parábola com as seguintes palavras:

“Aí era seu filho mais velho, quer dizer, os Anjos, que foram criados antes do homem, *id est angeli qui ante hominem creati sunt*”.

- Ela vê a volta do filho mais velho do campo como retorno das missões costumeiras, e

- refere sua aproximação à casa a um amor crescente dos Anjos aos homens, “*in majori dilectione quam prius*”. Aqui, a Santa vê uma mudança nos Anjos em sua relação aos homens, mudança esta que chama atenção e desperta a pergunta: Não são os Anjos quase imutáveis? Não é tudo neles ou santo ou pecado, luz na união com Deus ou escuridão na distância radical dele? Como nós homens nos admiramos de tal crescimento dos Anjos, crescimento acidental como Santo Tomás explica¹⁰², assim Santa Hildegarda descreve a admiração dos Anjos sobre o que eles encontram “em casa” com os homens:
- A música que ouve, ela a refere ao louvor pelos milagres que os apóstolos realizaram entre o povo, e
- o “barulho de dança”, ao cumprimento da justiça, pela expiação do Filho de Deus.
- O filho mais velho perguntou a um servo, ou seja, o conjunto das profecias, *unitatem prophetiae*, o que estava acontecendo, quer dizer, segundo a Santa, os Anjos perguntaram pelos mistérios dos profetas, que um dos criados explicou:
- “teu irmão voltou”, isto é, o homem chegou para fazer penitência e
- “teu pai matou o novilho gordo”, ou seja, Deus entregou por ele o seu Filho porque o recuperou salvo, arrancado do poder diabólico – *tradidit pro eo Filium suum, quia salvum illum recepit, de diabolica potestate ereptum*.

A Santa consta que o filho mais velho, confrontado com essa novidade,

- “ficou com raiva”, e ela comenta: “se admirou estupefato como isso podia acontecer - *Indignatus est autem, id est admiratus est stupendo, quomodo haec fieri possent*”, e
- “não queria entrar”, pois, diz ela, os Anjos não necessitam da Paixão de Cristo nem da alegria que há por um pecador que se converte..
- Aí “o pai, saindo” dirigiu a ele o seu desejo de misericórdia e,
- começou a pedir, ou seja, mandar os Anjos a ajudar nas necessidades dos homens, como fez em todos estes tempos em que enviou os Anjos para a salvação do povo por meio de admoestações do Espírito Santo na reedificação da Igreja.
- “Ele, porém, respondeu ao pai:
 - ‘Eu trabalho para ti há tantos anos’,” – quer dizer, segundo Santa

¹⁰² Cf. THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 62, a. 9 ad 3^{um}; q. 113, a. 7.

Hildegarda, todo o tempo desde que fui criado, estou ao teu serviço; depois não se refere à obediência, mas logo diz:

- “nunca me deste um cabrito”, ou seja, segundo a interpretação hildegardiana: “não me deste nenhuma parte naquela conversão e graça pela qual redimiste os pecados do meu irmão”;
 - “para eu festejar”, isto é, para ter nova alegria numa nova harmonia,
 - “com meus amigos”, ou seja, tais milagres e obras portentosas.
- “Mas quando esse teu filho chegou” – que “é tua criatura”,
 - “que esbanjou teus bens com as prostitutas”, ou seja, com uma vida de vícios,
 - “mataste para ele o novilho gordo”, quer dizer, mostraste a ele a efusão do Sangue do Vosso Filho que dará a plenitude da vida a todos aqueles que creem nele.

Isto é tudo o que Santa Hildegarda comenta sobre o filho mais velho. Ela não se pronuncia sobre a dificuldade que geralmente é levantada contra a representação dos Anjos pelo filho mais velho, isto é, a discrepância entre a santidade dos Anjos e esse questionamento a Deus ou atitude de rebelião. Mas, como tal desarmonia não se pode negar, é necessário examinar como se pode justificar essa identificação do filho mais velho com os Anjos. Nisto, o comentário da Santa ao último versículo (v. 32) ou à resposta do pai a essas objeções do filho não ajuda muito; pelo contrário, confirma mais ainda a tensão, quando diz que Deus afirma a santidade do Anjo e ao mesmo tempo o admoesta.

- A Santa continua dizendo: *At ipse Deus dixit illi in admonitione* – Deus admoestou o filho mostrando o que tem:
- “tu estás sempre comigo” – Hildegarda explica aqui o estado dos Anjos, na pureza e santidade, na visão contínua da face de Deus, que o homem é incapaz de ver enquanto está no seu corpo mortal; e além disso,
- “tudo o que é meu é teu”, isto é, todos esses milagres que fiz para o teu irmão são também teus, porque sempre ages como mediador entre mim e o homem. Por isso,
- “era preciso festejar”, porque o homem é redimido no Sangue do meu Filho e fortalecido na efusão do Espírito Santo;
- “(era preciso) alegrarmos” – com a ressurreição do homem perdido,
- “pois teu irmão”, o homem, “estava morto” para as coisas celestes e a boa ciência,

- “e tornou a viver” – no reconhecimento de Deus e no enraizamento da justiça;
- “estava perdido”, pois por falta do alimento da vida não brilhava mais diante dos olhos de Deus,
- “e foi encontrado” – em Cristo pelo gemido da penitência, redimido no Sangue dele.

Esta é a leitura interpretativa dessa parábola por Santa Hildegarda.

III. O ponto central da parábola ou o filho mais velho e os Anjos na sua prova

Por motivo de justiça deve-se dizer, com García Colombás, que esta leitura da parábola de Santa Hildegarda não era uma interpretação totalmente nova.¹⁰³ Colombás observa: “Já nos tempos muito remotos, às vezes se tem interpretado ... O filho mais jovem representa o gênero humano; o mais velho, o mundo dos espíritos celestes.”¹⁰⁴ Ficamos, no entanto, com a interpretação de Santa Hildegarda.

1. Ver o problema

Santa Hildegarda vê o Anjo sendo envolvido na história dos homens como mensageiro e mediador. Porém, ela observa também que ele foi surpreendido por aquilo que estava acontecendo na história do homem – “*admiratus est stupendo*” –, e manifesta uma hesitação em cumprir a sua parte, cooperando com Deus, o Pai.

A Santa não pergunta: Como os Anjos podem ter tais atitudes, quase contraditórias, disponibilidade e hesitação, obedecer e hesitar em obedecer? Será que estava consciente da pergunta e dificuldade que surgem dessa ligação entre o filho mais velho e os Anjos? E se estava, não era então imprudente afirmar tal conexão?

¹⁰³ Assim escreve p. ex. São Cirilo de Alexándria no seu comentário a esta parábola: “Videtur nonnullis par [sic!] hoc filiorum significare sanctos angelos, simulque nos terrae incolas; ita ut senioris persona, utpote qui modeste vixerit, angelorum ordinem denotet; junioris autem et luxuriosi persona, humanum genus” (Cirilo de Alexandria, *Comm. In Lucam*, cap. XV; P.G. 72, 795-810, 803 A; esta interpretação da parábola foi adaptada por Théophane Cérameus, cf. STROTMANN, 142-144 e 147s.).

¹⁰⁴ COLOMBÁS, 45. Quanto à legitimidade de tal interpretação, Colombás faz referência a Th. STROTMANN, 141-161.

Também Strotmann escreve: “A *cruz* principal, como observa Teofilacto, está no comportamento invejoso do filho mais velho”¹⁰⁵, “o embaraço dos exegetas de todos os tempos”¹⁰⁶ na compreensão desta figura na parábola.

Todavia, a perspectiva de Jesus nas primeiras duas parábolas e a universalidade da missão de Jesus por parte do Pai não permitem dispensar a busca da presença dos Anjos na terceira parábola.

2. A necessidade e o objeto da decisão

No início desse trabalho fizemos referência à *universalidade* como característica do todo o evangelho de São Lucas, desse discípulo do apóstolo dos gentios, e ao amor de *Deus Uno e Trino*, que foi revelado como misericordioso na doação e no *sacrifício do Filho de Deus*.

Este amor divino foi manifestado a todos, mas até à hora em que Jesus conta estas parábolas foi acolhido – entre os homens – apenas pelos “publicanos e pecadores (que) aproximavam-se de Jesus para o escutar” (v. 1).

Contudo, este acolhimento do amor divino é o centro da mensagem dessa parábola, e o centro da missão de Jesus é, de fato, comunicar o amor e a vida divina trinitária aos homens (cf. Jo 10,10; 15,9-10; 17,26). Por isso, em toda a história, todas as criaturas que são dotadas de livre vontade devem livremente decidir-se por esse amor divino, ou seja, em favor ou contra Deus, e esta decisão as leva a uma vida eterna com amor ou sem amor.

3. Os que já se decidiram

Ora, os bons Anjos ou “Anjos de Deus” que se alegram “por um só pecador que se converte” (v. 10) são aqueles que já tomaram a sua decisão *em favor* de Deus. Jesus os mencionou como exemplo para aqueles que ainda devem responder à sua pergunta “Quem de vós...?” (v. 4). Em virtude dessa decisão, que é definitiva e não pela metade, devido à sua natureza puramente espiritual, os “Anjos de Deus” ou os santos Anjos não se comportariam como fez o filho mais velho.

Estão incluídos na perspectiva da terceira parábola aqueles anjos que já se decidiram *contra* o amor de Deus; eles são representados – segundo

¹⁰⁵ STROTMANN, 143: “*La cruz principale, comme le remarque aussi Théophylacte, réside dans le comportement envieux du fils aîné*”.

¹⁰⁶ Ibid., 149: “*l’embarras des exégètes de tous les temps*”.

certos intérpretes e por Santa Hildegarda – naquele “homem do lugar” a quem o filho mais novo pediu trabalho no tempo da fome: “*adhaesit uni civium, id est Diabolo regionis illius* – aderiu a um cidadão, quer dizer, ao diabo dessa região”; ele, o diabo, “mandou-o para seu sítio cuidar dos porcos” (v. 15; cf. Lc 8,26-33). O filho mais novo acabou sob a guia do anjo caído numa vida das concupiscências, alimentadas por vícios, que, porém, não satisfazem o coração do homem porque, como diz Hildegarda, o diabo não pode dar nada de bom, “*nec Diabolus ullam saturitatem alicujus boni in eis dare potest* – nem o diabo pode dar a eles alguma satisfação por um bem.” Por isso, o filho mais novo voltou à casa do pai. Mas o que nos interessa é que esse anjo e, como ele, todos os anjos caídos, já tomaram sua decisão e esta é definitiva, de modo que também eles não se teriam comportado como o filho mais velho se comportou, nem Deus teria convidado ou conversado com ele.

Então, como se pode ainda pensar que o filho mais velho represente os Anjos?

4. Passos a uma solução

Para se chegar a uma explicação razoável, é preciso primeiro corrigir as leituras dessa parábola que se contentam em olhar ao pobre filho mais novo e a misericórdia de Deus para com ele. Isto, em grande parte, já fizemos. Na verdade, o filho mais novo e a misericórdia de Deus Pai são apenas o objeto material da parábola.

O objeto formal ou a causa final, a primeira na intenção e a última na execução, como ensina a filosofia, é o convite de Jesus aos fariseus e escribas, e é o seu pedido para darem a sua resposta pessoal, possivelmente positiva, à misericórdia de Deus Pai e Filho, segundo o exemplo daqueles “Anjos” que são “de Deus” (v. 10). Esta é a intenção, o centro e a finalidade de todas as três parábolas e o objetivo dessas narrações.

Ora, as primeiras parábolas terminam com o convite aos “vizinhos e amigos” e sem indicação de uma resposta deles, como mostramos (cf. A. II,3). A terceira também termina aberta, isto é, com um convite, o convite ao filho mais velho, sem indicação da resposta definitiva do convidado. Na pessoa individual do filho mais velho e no que se passa no seu interior, Jesus apresenta o drama e a tensão interior que esse convite para o amor perdoador e misericordioso de Deus desperta nas pessoas livres *antes* de se decidirem definitivamente. As duas primeiras parábolas deixam este espaço em aberto, mas não falam desta batalha interior; – talvez haja aqui

uma outra razão por que são três parábolas com a mesma mensagem, em vez de uma só.

Por isso, o filho mais velho, nesse momento, não representa os homens pecadores que se dirigem a Deus arrependidos (estes são representados pelo filho mais novo), tampouco representa os Anjos que já se decidiram em favor de Deus ou contra ele. Então só pode *representar todos aqueles que ainda se encontram na hora dura e pesada de sua decisão!* Estes são, entre os homens, os fariseus e escribas que estão escutando Jesus contar esta parábola, bem como os que no futuro se assemelharão a eles até o dia de hoje e além. E entre todos os Anjos, quem seria representado pelo filho mais velho?

Como todos os Anjos já tomaram a sua decisão, quer dizer, passaram na prova, e o comportamento deste filho maior não representa bem nem os Anjos santos nem os caídos, e apesar disso Santa Hildegarda (com outros) afirma uma ligação entre o filho maior e os Anjos, *sófica a possibilidade da seguinte explicação*: O filho mais velho ou o primeiro criado, indeciso e lutando consigo, representa as primeiras criaturas, os Anjos indecisos e lutando consigo, ou seja, todos eles *no momento e no drama de sua decisão, que era a sua prova*. Como este filho viu nessa hora toda a história do seu pai com o filho mais novo, assim, na “hora da prova”, Deus fez os Anjos ter uma ideia do que planejava.

Vejam isso mais devagar. Essa “hora”, esse momento da vida do filho mais velho, nos permite perceber um pouco daquilo que aconteceu com os Anjos naquele momento da sua “história” que imediatamente se seguiu à sua criação. Naquela “hora” ainda podiam dizer que “jamais desobedeceram a qualquer ordem” (cf. v. 29) de Deus. Naquela “hora” estavam confrontados com o plano misericordioso de Deus com todas as criaturas, e especialmente com o plano divino a respeito dos homens, isto é, dos homens pecadores que arrepender-se-iam e voltariam ao seu Criador: o Pai oferece até a carne do “novilho gordo”, ou seja, do seu Filho a comer na mesa eucarística da festa de ação de graças. É o momento da prova dos Anjos logo no início, depois da sua criação, quando receberam a informação necessária de Deus, como o pai da parábola saiu e conversou com o filho mais velho.

E quando Deus viu a hesitação de alguns anjos – como na parábola aquela do filho mais velho – quase se desculpou diante deles com tanto amor e dor sobre a falta de confiança e amor a ele, mas reafirmou a sua decisão em favor do amor: É “preciso festejarmos e alegrarmos, porque

este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (v. 32; cf. v. 23ss). Como Jesus narra a atitude do pai que deixara o seu filho livre para segui-lo ou afastar-se dele, assim também havia na prova dos Anjos um silêncio, como de ponderação. Neste silêncio deve ter soado o grito de São Miguel: “Afinal, quem é como Deus!”, uma exclamação que provocou a decisão.¹⁰⁷

5. A confirmação pela coerência

Como na interpretação da história do filho mais novo se deve retroceder até o início da humanidade, ao paraíso, assim também a história do filho mais velho nos pode fazer olhar ainda mais para trás, até o início da criação, até a prova dos Anjos. Como o pai saiu ao encontro tanto do filho mais novo como também do filho mais velho, assim também o olhar do Filho de Deus, de Jesus, se dirige a *todas* as criaturas, “pois Deus quis ... por ele, reconciliar consigo todos os seres, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dele, por seu sangue derramado na cruz” (Col 1,19-20; cf. Ef 1,9-10). Sim, Jesus tinha todos diante do seu olhar, todos entre os Anjos e todos entre os homens, os que são, foram ou ainda serão submetidos à prova e devem tomar a sua decisão de vida.

Notemos que, levando a sério esta interpretação de tão estupenda parábola, sugerida por Santa Hildegarda, temos um texto nos evangelhos, no centro da revelação divina, que nos revela algo sobre *a prova dos Anjos*. O resultado desta prova determinou tão decididamente *toda a história da humanidade* que mereceu uma explicação dada por Jesus. E isso não só porque o primeiro homem, tendo sido “tentado pelo Diabo, deixou morrer em seu coração a confiança em seu Criador (cf. Gn 3,1-11; Rm 5,19) e, abusando de sua liberdade, *desobedeceu* ao mandamento de Deus” (CIC 397). Mas também por motivo de justiça: partindo da interpretação de Santa Hildegarda, essa parábola mostra que *Anjos e homens* são chamados a se decidirem por si mesmos sobre a sua vida definitiva e eterna, e que para ambos era e é a mesma decisão: aceitar ou rejeitar o amor misericordioso e infinito de Deus.

Estes esclarecimentos permitem sistematizar os elementos dessas parábolas da misericórdia, especialmente com os itens mais específicos da terceira parábola.

¹⁰⁷ “‘Mica-El’ significa, de fato: ‘Quem como Deus?’. Neste nome encontra-se, pois, expressa a escolha salvífica graças à qual os anjos ‘vêm a face do Pai’ que está nos céus.” (João Paulo II, Audiência do dia 6 de agosto de 1986, 8).

Um elemento são os Anjos diante de Deus Criador, Redentor e Amor, os quais na prova estavam indecisos – como o filho mais velho –, mas depois alguns deles decidiram submeter-se ao plano de Deus e se alegraram, enquanto outros se decidiram contra o pedido de Deus e tornaram-se os anjos caídos ou demônios.

Outro elemento são os homens, que também são chamados à decisão durante toda a sua vida até a hora de sua morte. Entre eles houve, há e haverá aqueles que se decidem pelo pecado e, assim, contra Deus, mas em seguida se arrependem e se convertem, como o filho mais novo, e assim se associam aos Anjos bons. Outros, porém, se decidem pelo pecado e já não se arrependem e assim se associam aos anjos caídos (cf. Mt 25,41).

Eis os diversos elementos das três parábolas, reunidos esquematicamente:

<i>SS. TRINDADE</i>	11-32: DEUS PAI - - - ESPÍRITO S. : 8-10 4-7: FILHO ↓	O início
<i>Sacrifício</i>	24: Filho de Deus encarnado, crucificado e eucarístico = o novilho gordo sacrificado para a festa	é o centro da história, a “plenitude do tempo” - o Sacrifício
<i>Universalidade</i> <i>Em processo de Formação</i> <i>(com o fim em aberto!)</i>	Convite – Chamada São chamadas todas as criaturas racionais-espirituais à “prova” ou escolha livre do amor misericordioso do Pai e dom eucarístico do Filho 25-32: como o filho mais velho ; são os <u>homens</u> e os <u>Anjos</u> na sua respectiva prova v. 6, 9 e 32 (ainda sem resposta) “Amigos e vizinhos”, os “fariseus e escribas” e todos os que ainda virão no futuro. v. 10, 15 todos os Anjos - eles já passaram pela prova e se decidiram.	“Felizes os convidados para a ceia do Senhor! Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”

Enquanto concluído	Homens:	Anjos:	No fim dos tempos - o fruto:
	Com decisão <u>positiva</u> :		
	A Virgem Imaculada	v. 10: os Anjos de Deus v. 7: e aqueles “no céu”, sejam santos Anjos ou santos homens	Comunhão perpétua
	Com decisão <u>negativa e positiva</u> :		
	v. 12-21: Adão e Eva e todos os que volta- ram a Deus arren- pidos (como o filho mais novo)		ou
	Com decisão <u>negativa</u> :		
	são todos os que di- zem definitivamente “Não” a Deus (como os anjos caídos)	v. 15: os demônios	Separação perpétua.

D. A interpretação de Santa Hildegarda à luz da S. Escritura e Tradição

A perspectiva desta terceira parábola, considerando o filho mais velho como representante dos Anjos na sua prova, encontra algumas objeções.

I. Obeções a interpretação de Santa Hildegarda

Santa Hildegarda (1098 – 1179) gozou desde a sua infância de visões, tornou-se freira, foi superiora e fundadora de conventos e viajou como pregadora. Escreveu cartas a governadores e sete aos Papas. Devido a isto e a estadia de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) na cidade de Colônia (Köln) para os estudos no período de 1248-1252, tendo como mestre Santo Alberto Magno, pode se pensar que o mesmo possa ter tido

conhecimento dos escritos de Santa Hildegarda e, concretamente, de sua interpretação da parábola do filho pródigo.

1. A primeira objeção de Santo Tomás de Aquino

Santo Tomás evitava mencionar nomes de autores próximos do seu tempo ou contemporâneos, e isto, de um lado, pela sua maneira nobre de agir, pois assim poderia contestá-los sem faltar-lhes com o respeito; por outro lado, fazia isto por não dar tanta importância a quem falava, e sim, por preferir olhar mais para os argumentos e sempre procurar a verdade. Assim cita na sua coleção de comentários aos quatro evangelhos, na *Catena aurea*, também várias opiniões e posições sobre a parábola do filho pródigo no evangelho de São Lucas. Disse: “*Sunt qui dicant* – há quem diga” e apresenta a interpretação de Santa Hildegarda.

“Mas disse: Um homem tinha dois filhos.” Há quem diga, referindo-se a estes dois filhos, que o mais velho fosse os Anjos e o menor, o homem que partiu para terras longínquas quando do céu e do paraíso caiu à terra, e aplicam o que segue à caída e ao estado de Adão. Mas este significado, se bem que pareça piedoso, não sei se é verdadeiro.¹⁰⁸

Santo Tomás manifesta certa reserva diante dessa interpretação, mas confessa não poder dizer se é verdadeira ou não. Ele explica a sua reserva com dois argumentos.

No primeiro argumento, ele se refere ao filho mais novo que parece voltar à casa por própria iniciativa:

O filho mais novo, com efeito, se arrependeu espontaneamente quando se lembrou da abundância que tivera na casa do seu pai; mas o Senhor, quando veio, chamou a humanidade a fazer penitência quando ela não pensava espontaneamente em voltar ao lugar de onde tinha caído.¹⁰⁹

Já nos referimos a este argumento quando refletimos sobre o pai que não pôs obstáculo à saída do filho mais novo e não foi atrás dele como o pastor quando buscou a ovelha perdida. Porém, é preciso observar que o pai esperava a volta desse filho a todo momento (cf. B.I.1.a). Por isso se pode dizer que, também segundo a parábola, sempre saía do coração do pai o chamado para o filho voltar, independente quão longe ou perto

¹⁰⁸ Em *Catena Aurea*, in Lc 15,1-32 (p. 215); como Santo Tomás escreveu um próprio comentário apenas aos evangelhos de São Mateus e São João, é esta a única ocasião em que ele explicitamente comenta esta parábola.

¹⁰⁹ Em *Catena Aurea*, in Lc 15,1-32 (p. 215); cf. STROTMANN, 145.

estava. Seu convite pela “voz da consciência” dificilmente pode ser abafado totalmente. Em teologia, tal convite se chama “graça atual” do amor cativante de Deus. Esta, junto com a pressão da miséria e da fome – e Deus sempre gosta de agir escondido atrás de causas secundárias (cf. CIC 306-308) –, moveu o filho mais novo a se lembrar da casa do pai. Também é de atribuir à graça de Deus a esperança que ele tinha de ser aceito de novo e a consequente resolução de voltar.

Neste sentido, Deus sempre vai à frente do homem ou, como o formula o *Catecismo*: “A preparação do homem para acolher a graça é já uma obra da graça” (CIC 2001). Deus “desde sempre e em todo lugar, está perto do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-lo, a conhecê-lo e a amá-lo com todas as suas forças” (CIC 1).

2. A segunda objeção de Santo Tomás de Aquino

A segunda objeção de Santo Tomás se refere ao filho mais velho e sua tristeza sobre a salvação do irmão. Santo Tomás disse:

“Depois, o filho mais velho se entristece pela volta e salvação do seu irmão, enquanto o Senhor diz que há alegria entre os anjos por um só pecador que se converte.”¹¹⁰

A dificuldade de unir a santidade dos santos Anjos com tal reação indignada causa a mais frequente rejeição ao pensar nessa ligação entre este filho mais velho e os Anjos. Já consideramos este aspecto quando nos referimos, há pouco, ao “ponto central da parábola”. Certamente, um bom Anjo, por amor, não se opõe em nada à santidade, perfeição e ao amor da vontade de Deus. Sendo assim, não permitiria a si mesmo perguntas, se uma ordem divina faz sentido ou não, segundo a sua inteligência apenas criada e, consequentemente, limitada. É sua alegria servir a Deus incondicionalmente em tudo o que ele deseja, a qualquer “momento” e em todas as circunstâncias.

Mas, uma vez que o filho mais velho não deu na ocasião sua última palavra, ele deverá representar todas as criaturas racionais no momento mais decisivo, ou seja, na sua prova diante de Deus, que é questão da entrega de sua inteligência e vontade ao Pai Eterno (cf. LG 25). No entanto, é necessário explicar isso ainda mais.

¹¹⁰ Em *Catena Aurea*, in Lc 15,1-32 (p. 215).

3. Uma terceira objeção

Antes, porém, levantamos ainda uma outra objeção:

Estava correndo a festa em que comeram o novilho gordo, matado para esta festa: “Trazei o novilho gordo e matai-o, para comermos e festejarmos” (v. 23).

Segundo a interpretação eucarística desse trecho da parábola, o pai saiu para convidar expressamente o filho mais velho a participar da festa preparada por ordem dele mesmo e na qual oferecia “a carne do Filho do Homem” (Jo 6,53).

Ora, como será possível que o filho mais velho represente os Anjos se os Anjos não têm corpo e, por isso, só podem participar espiritualmente, mesmo no Banquete eucarístico?¹¹¹

A resposta a esta objeção segue este raciocínio:

Cristo é a cabeça do seu Corpo, segundo São Paulo, no qual todas as criaturas estão unidas, os da terra e os do céu.¹¹²

E como os membros de um corpo não devem ser separados da cabeça, todos os membros, e estes são, neste caso, todas as criaturas, são chamados a estarem onde sua cabeça está.

Ora, como na união de um corpo cada membro está presente segundo a sua natureza particular e preservada a sua identidade, assim é também na festa eucarística: Os membros puramente materiais estão presentes em graus diferentes, de maneira máxima o pão e o vinho, que são “transubstanciados” na substância humana de Cristo, permanecendo apenas as aparências de pão e vinho; os membros materiais e espirituais, os homens, recebem Cristo segundo a natureza humana, quer dizer materialmente nas espécies eucarísticas, e espiritualmente, pela fé e caridade, e segundo a

¹¹¹ Cf. THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. III, q. 80, a. 2. Santo Tomás afirma no fim do artigo que não convém que os Anjos comam espiritualmente este sacramento; deve-se apenas completar: ... mas se forem convidados a comer, então será espiritualmente ou segundo a sua natureza.

¹¹² “Esta força, Deus a exerceu no Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita, nos céus, acima de todo principado, potestade, fortaleza e senhorio ou qualquer outro título que se possa nomear, não só neste mundo, mas também no mundo que há de vir. Deus pôs tudo debaixo de seus pés e o constituiu acima de tudo, como cabeça da Igreja, que é o seu Corpo, a plenitude daquele que se plenifica em todas as coisas” (Ef 1,20-23; cf. THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. III, q. 8, a. 4; Serge-Thomas BONINO, *Angels and Demons. A Catholic Introduction*, Washington DC 2016, 221-230: “Jesus Christ, Head of the Angels”).

graça que *os transforma*; e os membros puramente espirituais estão presentes espiritualmente e o recebem à sua maneira, isto é, segundo a sua natureza, espiritualmente¹¹³.

E prova disto se pode ver nas presenças diferentes das pessoas da Santíssima Trindade na alma humana: Mesmo tendo Jesus dito de si e do Pai que: “nós viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23), é diferente a sua presença Eucarística com as suas duas naturezas, daquela do Pai que está presente somente pela sua união com o Filho na natureza divina.

Além disso, devemos também considerar a influência recíproca entre os membros, não só na ordem natural, mas também na ordem sobrenatural, e isto será pela comunhão das criaturas com Cristo, “por ser a Cabeça... Assim, o bem de Cristo é comunicado a todos os membros, e essa comunicação se faz por meio dos sacramentos da Igreja”¹¹⁴.

Removidas estas objeções, olharemos os argumentos positivos dessa interpretação da parábola.

II. A presença dos Anjos nas três parábolas

1. “Os Anjos de Deus”

Jesus concluiu a parábola do pastor com as seguintes palavras: “Eu vos digo: assim haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (v. 7). E a segunda parábola termina com a esta afirmação: “Assim, eu vos digo, haverá alegria entre os Anjos de Deus por um só pecador que se converte” (v. 10). A expressão “no céu” inclui a referência aos Anjos só indiretamente, a segunda frase os menciona explicitamente, “entre os Anjos de Deus” (v. 10). Mesmo assim, as duas afirmações devem ser

¹¹³ Cf. THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. III, q. 80, a. 2; cf. A. TANQUEREY, *A Vida Espiritual. Explicada e comentada. Um Manual Prático e Seguro Para os Principiantes*, (ed. Brasileira do *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, 1938, 1961), Anápolis 2007, nn.183-189; T. KIENINGER, “A Comunhão eucarística e a perfeita Comunhão eclesial – Uma meditação teológica”, em *Sapientia Crucis*, Anápolis, 6 (2005), 183-218, 197-217.

¹¹⁴ CIC 947; cf. Ef 1,10 e Nathanel THANNER, “A Consumação do ‘Mistério de Cristo’: A União de todas as Criaturas em Cristo segundo o Modelo Divino Trinitário e através da Eucaristia”, em *Sapientia Crucis* 9 (2008) 133-228, 185-224 e, sob o ponto de vista mais histórico, Nathanel THANNER, “Was bedeutet die ‘Anakephalaiosis’ der gesamten Schöpfung in Eph 1,10?”, em *Sapientia Crucis* 5 (2004) 5-67.

vistas unidas, por serem formuladas paralelamente ou como conclusão e “moral da história”, fechando estas duas parábolas (cf. A.II.3).

2. Os Anjos e as noventa e nove ovelhas e nove dracmas

O Papa São Gregório Magno sugeriu de vermos nos “noventa e nove justos”¹¹⁵ uma referência aos Anjos. Paralelamente se pode ver também nas nove dracmas não perdidas uma referência aos nove coros angélicos, como quer Teofilacto¹¹⁶. Gregório Magno escreveu:

Uma ovelha se perdeu quando o homem, pecando, abandonou os pastos da vida. Mas noventa e nove ficaram no deserto, porque o número das criaturas racionais, isto é, dos anjos e dos homens, que foram criados para ver a Deus, ficou diminuído com a perdição do homem. Por isso segue: “Não deixa os noventa e nove no deserto?”, porque deixou os coros dos Anjos no céu. O homem abandonou o céu quando pecou. E para que se completasse o número das ovelhas no céu, o homem perdido foi buscado na terra. Por isso continua: “e vai atrás daquela que se tinha perdido”.¹¹⁷

É claro que o Senhor queria indicar uma oposição entre os que se perderam e os que se conservaram fiéis, entre aquela única ovelha perdida e as noventa e nove fiéis, entre a dracma perdida e as nove presentes e usáveis; o mesmo vale para o filho pródigo e o mais velho, que permaneceu fiel e zeloso em casa. Com isso, Jesus quis indiretamente apontar a oposição diante de si, isto é, aquela existente entre “os publicanos e pecadores” e “os fariseus e os escribas”.

Mas, a identificação dos fiéis das parábolas com os Anjos, opostos aos que se perderam, encontra algumas dificuldades.

As noventa e nove ovelhas e as nove dracmas nas duas primeiras parábolas são positivas, mas também silenciosas, por assim dizer, segundo a sua natureza irracional; ao contrário do filho mais velho da terceira história, que se mostra indignado e contrário ao acolhimento dado ao irmão reencontrado, assim como os fariseus e escribas murmuravam sobre a convivência de Jesus com os publicanos e pecadores. Sempre partimos, neste artigo, do paralelismo entre as três parábolas. Tal paralelismo, porém, nos faz questionar a inocência ou até a perfeição dos que ficaram em casa.

¹¹⁵ Hom 34; em *Catena aurea*, in Lc 15,4 (p. 213).

¹¹⁶ Cf. LAPIDE, 205.

¹¹⁷ Hom 34; em *Catena aurea*, in Lc 15,4 (p. 213).

Outra dificuldade é: Se os fiéis em casa (representados pelas ovelhas e moedas) fossem os Santos Anjos fiéis a Deus, por que se diz então que “haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, *mais* do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (v. 7)? Parece claro que Jesus fala aqui de dois grupos diferentes, de um lado, daqueles “no céu” e dos “Anjos de Deus” e, do outro lado, daqueles noventa e nove em casa.¹¹⁸ Depois saberemos, pelo contexto dos evangelhos, que estes “justos que não precisam de conversão” são os fariseus que Jesus aqui quer ajudar a tomarem a sua decisão.

A reconciliação da proposta de ver nas noventa e nove ovelhas e nove dracmas os Anjos, com as dificuldades expostas, se encontra naquele fato escondido e não pronunciado nas parábolas: o “fim aberto”, que muitos afirmam na interpretação da terceira parábola, mas poucos veem também nas precedentes. O pastor assim como a mulher de casa apenas “convoca (!) os amigos e vizinhos”, mas não se conta nada sobre as respostas, e aquela alegria daqueles “no céu” e dos “Anjos de Deus” como uma “moral da história” não se relaciona intrinsecamente com a narração das histórias; semelhantemente na terceira parábola, a última palavra é o convite repetido do pai, que ficou sem uma resposta do filho mais velho.

Este silêncio no fim das parábolas corresponde ao silêncio sobre as noventa e nove ovelhas e as nove dracmas, mas também serve para descrever os Anjos na sua prova. Portanto, olhando do ponto de vista da prova dos Anjos a esta interpretação sugerida e ao paralelismo entre as parábolas, todos os aspectos se harmonizam.¹¹⁹

¹¹⁸ Cf. acima, A.II.3; São Gregório: “E chegando em casa, convoca os amigos e vizinhos ...”. Amigos e vizinhos chama os coros dos Anjos; pois são seus amigos porque observam sua vontade em sua contínua estabilidade, e são seus vizinhos porque pela sua constante presença gozam da claridade de sua visão” (In Lc 15; em *Catena aurea*, p. 213). Teofilacto: “As Virtudes celestes ... são seus amigos, porque cumprem a sua vontade; são seus vizinhos, porque são incorpóreos; ou talvez, amigos seus são todas as Virtudes celestes, vizinhos, porém, aqueles que são mais próximos, quer dizer os Tronos, os Querubins e os Serafins” (*ibid.*, 214). Observa-se que os dois autores não distinguem entre os que não foram “perdidos” e os amigos e vizinhos, como nós achamos que deveria ser feito.

¹¹⁹ Vale lembrar aqui a observação de G. Amorth: “A teologia será sempre imperfeita e incompreensível, até que se decida por a claro tudo o que se refere ao mundo angélico” (G. AMORTH, *Um exorcista conta-nos*, Paulinas, Lisboa 1996, 31).

3. Uma leitura de advertência

J. Knabenbauer aponta a referência aos Anjos no fim das parábolas com uma aproximação negativa. Ele pergunta: Por que Jesus indica nestas parábolas os Anjos e menciona de modo tão explícito que os santos entre eles se alegram mais sobre um que se converte e faz penitência que sobre noventa e nove que pensam não precisar disso? O autor mesmo responde: “Então, os Anjos se alegram muito e os fariseus murmuram, ficam indignados! Eles se mostram então semelhantes a quem? Não aos Anjos, mas ao diabo!”¹²⁰ Também Dillersberger disse: “Desde o início a meta era a de educar esses ‘justos’ a ajuntarem-se à alegria sobre a conversão dos pecadores ou, respectivamente, de mostrar-lhes que não precisam ser mais justos do que os Anjos no céu, que se alegram.”¹²¹

Segundo Knabenbauer, Jesus se referiu aos santos Anjos para acentuar mais fortemente o caminho e perigo em que se encontram essas pessoas “que não precisam de conversão”. Não é a única vez que Jesus aponta exatamente para este perigo eminente em que pessoas autossuficientes se encontram, quer dizer, pessoas que não se consideram culpadas de nada e rejeitam a compaixão com os pobres, doentes e até com pecadores. No Juízo Final, segundo a descrição de São Mateus, Jesus dirá aos infiéis: “Afastai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno, *preparado para o diabo e para os seus anjos*.”¹²²

A história da Igreja lembra entre os “justos”, “fiéis” e “imaculados” os Jansenistas. Estes se comportaram tão “fielmente” e impecáveis segundo a lei, que podiam ser considerados como Anjos, porém se disse também que eram tão orgulhosos (ou sem caridade) como os diabos. Portanto, o homem está bem perto dos Anjos, dos bons e dos maus. E não se deve surpreender-se quando se diz: As associações com os diabos exigem

¹²⁰ „Ergo angeli plurimum gaudent et pharisaei mumurant, indignantur! cui ergo se similes praebent? Non angelis, sed diabolo.” (KNABENBAUER, 443; “Sed haud pauci tamen inquisierunt”, *ibid.*, 444; cf. LAPIDE, 204).

¹²¹ DILLERSBERGER, 81.

¹²² Mt 25, 41. Convém lembrar um outro encontro de Jesus com “alguns fariseus”: Jesus disse depois da cura do cego de nascença: “‘Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos.’ Alguns fariseus que estavam com ele ouviram isso e lhe disseram: ‘Porventura também nós somos cegos?’ Jesus respondeu-lhes: ‘Se fôsseis cegos não teríeis culpa; mas como dizeis: ‘Nós vemos’, o vosso pecado permanece’” (Jo 9,39-41).

como contrabalanço a associação com Anjos bons¹²³, e de fato, o homem é chamado a participar “na fê da sociedade bem-aventurada dos anjos e dos homens, unidos em Deus”¹²⁴.

Também Santo Agostinho aponta nessa direção quando comenta “tudo o que é meu é teu” (v. 31). Disse: “Mas por que diz todas essas coisas? Por acaso se há de crer que Deus tivesse dado a tal filho a posição dos Anjos? ... seremos ... sócios dos Anjos”¹²⁵. Mas vale também lembrar a alerta de São Paulo: “Quem julga estar de pé tome cuidado para não cair” (1 Cor 10,12). Pois, “O espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26,41). Quanto mais alto se sobe, tanto maior [pode ser] a queda” (CIC 2733).

III. O exemplo da Imaculada Virgem Maria

A Virgem Maria foi preservada do pecado original, é, portanto, a Imaculada. Ela é absolutamente “boa” como os Anjos foram criados bons e sem nenhum defeito ou tendência duvidosa ou egoísta.

1. Diante da incompreensibilidade de Deus

Apesar de sua pureza e inquestionável união com a vontade de Deus, observamos na sua vida com o Filho divino momentos de tensão.

Um de tais momentos era na peregrinação a Jerusalém com Jesus. Ele ficou lá sem avisar aos seus pais. É a confrontação com a incompreensibilidade da vontade de Deus: Maria não pôde compreender como seu Filho tão santo, tão obediente podia causar a ela e a São José aquela angústia tão grande.

Ela não hesitou em expressar ao seu Filho a *angústia* que passou nessas horas, sem jamais pensar em abandoná-lo, pelo contrário, era exatamente a vontade deles de ficarem unidos com Deus que os fez procurá-lo: “Seus pais ficaram *comovidos*”¹²⁶ e sua mãe lhe disse: ‘Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu estávamos, angustiados, à tua procura!’” (Lc 2,48).

¹²³ Cf. Santa MARGARIDA MARIA ÁLACOQUE, *Autobiografia*, no. 101.

¹²⁴ CIC 336.

¹²⁵ Cf. em *Catena Aurea*, in Lc 15,1-32 (p. 220).

¹²⁶ Esta é a tradução pela CNBB; Alcino da Costa traduz “assombrados”.

E apesar de não compreender o comportamento nem a resposta do Filho - “não compreenderam a palavra que ele lhes falou” – ela aceitou silenciosamente e se subordinou à vontade de Deus: “Sua mãe guardava todas estas coisas no Coração” (Lc 2,49-51).

2. A resposta à vontade de Deus

Um outro momento, narrado mais extensamente, era a anunciação da vontade de Deus de se encarnar com a sua colaboração. Examinando bem a narração de São Lucas, o evangelista das parábolas da misericórdia, podemos observar um certo paralelismo surpreendente entre a anunciação da Encarnação pelo Anjo Gabriel à Virgem Maria, a Imaculada, e a conversa do pai com o filho mais velho. Certamente, não é um paralelismo perfeito pois Maria dá a resposta que Jesus queria de todos. Mas, as paralelas iniciais poderiam mostrar algo a respeito da prova dos Anjos, salvo a diferença natural de Anjo e homem.

São Gabriel aproximou-se da Virgem Maria e disse “Alegra-te, cheia de graça! – O Senhor está contigo”. Primeiro ela ficou confusa e “perturbou-se com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação” (Lc 1,28-29), - e o Anjo nem tinha ainda falado do maior mistério, o da Encarnação.

Por motivo de brevidade, não continuamos na análise, mas apresentamos o paralelismo apenas esquematicamente.

Anunciação a Maria SS.: Lc 1,28-38	Convite ao filho mais velho: Lc 15,25-32
<i>Inicia com a comunicação da Vontade de Deus como objeto da prova e decisão:</i>	
<i>Primeira confrontação:</i> Saudação do Anjo	Ouviu a música
<i>Primeira reação:</i> Perturbou-se Maria e <i>começou a pensar</i> qual seria o significado da saudação	Chamou um dos criados <i>perguntou</i> o que estava acontecendo
<i>A mensagem e pedido a ser aceitado:</i> O anjo, então, disse: ... “ <i>Conceberás ...</i> ”	Ele respondeu: “É teu irmão que <i>voltou ...</i> ”

<i>Agora, Maria diz logo “Sim!”:</i>	<i>Entre os anjos teve uma “mora” na decisão:</i>
<i>Quer colaborar mas precisa saber como:</i> Maria, então, perguntou ao anjo: “Como...?”	<i>Reação espontânea e não ponderada:</i> Mas ele ficou com raiva e não queria entrar.
<i>Esclarecimento:</i> O anjo respondeu: “O Espírito Santo ...”	O pai, saindo, insistiu com ele.
<i>Já decidida em favor da vontade de Deus</i>	<i>Continuação de discussão:</i> Ele, porém, respondeu ao pai: “Eu ...”
	Então o pai lhe disse: “Filho, ...”
<i>A resposta final positiva:</i> Maria disse: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra.”	<i>(A resposta final é pendente.)</i>

Esta comparação entre as duas conversas permite entender, por assim dizer, “a conversa entre Deus e os Anjos” no momento de sua prova no início da história. Podemos supor que todos os Anjos ficaram assustados com a informação que Deus lhes comunicou naquele momento. Todavia, não significa que todos já se decidiram, depois daquela primeira informação, a favor ou contra a Vontade de Deus. Isto quer apenas dizer que todos escutaram mais acuradamente, como o filho mais velho da parábola que “chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo” (v. 26).

Isso não exclui, no entanto, que logo “depois” eles já possam ter abraçado a Vontade de Deus. Pelo contrário, isto sublinha que também o “sim” dos Anjos bons na prova foi antes por fé e confiança em Deus, como o de Maria, do que por entendimento e convicção que seu plano era uma “ideia maravilhosa”.

Mas isto também não exclui que tenha havido aqueles que perderam a sua “paz” e a humildade existencial do “primeiro instante” do seu existir; existe a possibilidade de que uns se levantassem e protestassem: “Isto não se deve fazer!” Não exclui igualmente que alguns se opusessem com tal determinação e força que, deste modo, se afastaram de Deus, como no início da parábola se diz isso do filho mais novo; que, portanto, houvesse aqueles que insistiram mais nas suas próprias ideias e na sua própria vontade que na submissão à vontade de Deus.

IV. A prova dos Anjos diante do Amor perdoador de Deus

A maior dificuldade da interpretação apresentada se resolve com a seguinte observação: O filho mais velho indeciso representa os fariseus e todos os homens e – antes deles – até os Anjos indecisos na sua prova.

Podemos ver os Anjos depois da sua criação ou num “primeiro momento” devotos, fiéis e obedientes à majestade de Deus como o filho mais velho se caracteriza. Eles “foram por Deus criados bons em (sua) natureza” (CIC 391).

Mas quando, num “segundo momento” de sua existência, Deus lhes mostrou o plano do seu Reino e o centro deste plano, a Encarnação do Filho de Deus¹²⁷, aí todos ficaram assustados, pois tal ideia era surpreendente.

Nesta altura de nossa reflexão não importa como Santa Hildegarda interpreta este texto bíblico. Importa se aquilo que se afirma é correto ou não, e isto decide o Magistério da Igreja com a autoridade dada pelo Senhor. Por isso devemos perguntar: O que ensina a Igreja sobre a prova dos Anjos? Esclarecido isto, pode-se voltar a estas parábolas e deve-se examinar se esta doutrina pode ser aplicada a estes textos bíblicos ou não, e se serve para explicar todo o texto.

Segundo o Concílio Vaticano II¹²⁸, uma interpretação de um texto bíblico deve basear-se, em primeiro lugar, no texto mesmo, bem entendido, e depois estar em harmonia com toda a Sagrada Escritura “em razão da unidade do projeto de Deus, do qual Cristo Jesus é o centro e o coração” (CIC 112). Além disso, o texto deve ser lido “*dentro ‘da Tradição viva da Igreja inteira’*” (CIC 113) e sua interpretação deve estar em harmonia com as “verdades da fé” (CIC 114).

1. A prova dos Anjos à luz do Magistério da Igreja

Para ter o texto autêntico já indicamos algumas correções de certas traduções.¹²⁹ Também fizemos referência a outros textos da Sagrada Escritura e voltaremos ainda a este aspecto. Depois, o Magistério da Igreja,

¹²⁷ Como diremos ainda, não sabemos até a quais pormenores Deus compartilhou este plano com os Anjos na sua prova; o Papa Bento XVI olhando até a Paixão expressou nestas palavras: “O Verbo emudece, torna-se silêncio de morte, porque Se ‘disse’ até calar, nada retendo no que nos devia comunicar” (*Verbum Domini*, 2010, 12.3).

¹²⁸ Cf. *Dei Verbum*, 12.3.

¹²⁹ P. ex., foi chamada a atenção a várias traduções que desviam do próprio significado dessas parábolas: *reunir* em vez de “convidar” (cf. nota 20), a *melhor* túnica em vez da

guiado pelo Espírito Santo (cf. Jo 14,26) e ajudado com análises teológicas de dois mil anos, oferece hoje pelo *Catecismo da Igreja Católica* vários pronunciamentos sobre a prova dos Anjos.

a) A “opção livre e amor preferencial” e o Pai misericordioso

Consta que todos os Anjos primeiro “foram por Deus criados bons em (sua) natureza” (CIC 391).

A vontade livre faz parte da sua natureza: “Os anjos e os homens, criaturas inteligentes e livres, devem caminhar para seu destino último por opção livre e amor preferencial. Podem, no entanto, desviar-se” (CIC 311). Tal desvio era a causa da queda de uns: o Diabo e outros demônios “se tornaram maus por sua própria iniciativa”¹³⁰. Esta mudança ou o “pecado desses anjos” (cf. 2Pd 2,4) aconteceu, porque “na opção livre ... *rejeitaram* radical e irrevogavelmente a Deus e seu Reino” (CIC 392; cf. 395). “Satanás ou o Diabo, bem como os demais demônios” recusaram “livremente a servir a Deus e a *seu designio*” (CIC 414). E este *designio* é, por fim, a Igreja, para a “salvação dos homens” e como “finalidade de todas as coisas”¹³¹.

Podemos, então, dizer o seguinte: o plano de Deus irritou alguns Anjos na sua prova, o que também foi a primeira reação do filho mais velho na parábola: o ato misericordioso do pai e acima de tudo “a notícia sobre o bezerro (...) encoleriza o irmão mais velho”¹³². Deus não desistiu do seu plano de amor misericordioso com a “ovelha perdida” ou o “filho pródigo”, que é o homem, mesmo ao risco de não ser acompanhado por todos os seus espíritos puros, ou seja, “pelo filho mais velho”. Ele repetiu: “era preciso festejar e alegrarmos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (v. 32). É o que o Catecismo da Igreja Católica comenta com as seguintes palavras:

As próprias vicissitudes dolorosas, como a queda dos anjos e o pecado do homem, só foram permitidas por Deus como ocasião e meio para desdobrar

“primeira” (cf. nota 49) e não está nunca escrito *um*, mas todas as três vezes “o novilhinho gordo” (cf. B.I.1.a) e B.II.2).

¹³⁰ IV Conc. Lateranense em 1215: DS 800; cf. CIC 391.

¹³¹ Cf. Sto. Epifânio, *Panarion seu adversus LXXX haereses*, I,1,5; em CIC 760.

¹³² CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 73; cf. Papa BENTO XVI, 29 de junho de 2012.

toda a força de seu braço, toda a medida de amor que Ele queria dar ao mundo. (CIC 760)

A Igreja continua a ensinar que a justificação dos pecadores é *”a obra mais excelente do amor de Deus”*:

A justificação é *a obra mais excelente do amor de Deus*, manifestado em Cristo Jesus e concedido pelo Espírito Santo. Sto. Agostinho pensa que ‘a justificação do ímpio é uma obra maior que a criação dos céus e da terra’, pois ‘os céus e a terra passarão, ao passo que a salvação e a justificação dos eleitos permanecerão para sempre’ (In Ev. Jo., 72,3). Pensa até que a justificação dos pecadores é uma obra maior que a criação dos anjos na justiça, pelo fato de testemunhar uma misericórdia maior. (CIC 1994)

b) Jesus Eucarístico como “pedra de tropeço” para os Anjos

O Pai misericordioso com seu plano (cf. CIC 414), incluindo também seu Filho que se entregará “por nós” no sacramento da Eucaristia (cf. Lc 22,19), se tornou “escândalo” para estes “justos”. Com novo, mais profundo e extenso significado podemos então ler um outro trecho do *Catecismo*:

O primeiro anúncio da Eucaristia dividiu os discípulos, assim como o anúncio da paixão os escandalizou: “Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la?” (Jo 6,60). A Eucaristia e a cruz são pedras de tropeço. É o mesmo mistério, e ele não cessa de ser ocasião de divisão. (CIC 1336)

Não é apenas o plano da Encarnação e de sua continuação pela Igreja o que Deus mostrou aos Anjos, mas também seu amor “até o fim” (Jo 13,1) na doação eucarística, a qual, na parábola, é representada pelo novilho gordo, matado para a festa. Depois da instrução sobre a eucaristia, “os judeus começaram a murmurar contra Jesus” (Jo 6,41), “discutiam entre si: ‘Como é ...’” (Jo 6,52) e quando Jesus percebeu “que seus discípulos estavam murmurando por causa disso, perguntou: ‘Isso vos escandaliza? ...’ A partir daquele momento, muitos discípulos o abandonaram e não mais andavam com ele” (Jo 6,61-63.66-67). Como Jesus reagiu então? Respeitando a liberdade e decisão das criaturas racionais e livres, “disse aos Doze: ‘Vós também quereis ir embora?’” (Jo 6,67).

A Igreja diz neste parágrafo do Catecismo, que “esta pergunta do Senhor ressoa através dos séculos como convite de seu amor para descobrir que só Ele tem ‘as palavras da vida eterna’ (Jo 6,68) e que acolher na fé o dom de sua Eucaristia é acolher a Ele mesmo” (CIC 1336). Pode-se perguntar se este convite já foi anunciado na prova dos Anjos, de modo

que, desde “o início” ele “ressoa através dos séculos”? Aqui ainda é importante considerar que o Magistério entende a Igreja como a “finalidade de todas as coisas” (CIC 760; cf. CIC 1), o que também implica que ela abraça, todas as criaturas de todos os tempos.

Na sua carta encíclica *Laudato Si*, Papa Francisco ajuda a responder a essa pergunta, citando também São João Paulo II e Papa Bento XVI:

A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo. *Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim.* Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um acto de amor cósmico. «Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, *sobre o altar do mundo*» (João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, 8). *A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação.* O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, «a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador» (Bento XVI, *Homilia*, 15 de junho de 2006). Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira.¹³³

Na parábola do pai misericordioso, o pai convidou para a festa na qual o novilho gordo foi morto; isto só tem significado pleno se for entendido como uma indicação do banquete eucarístico. O pai só pôde *convidar* o

¹³³ Papa FRANCISCO, *Carta encíclica Laudato Si*, 2015, 236 (o destaque é nosso). Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO, *As Parábolas*, 73; Papa Bento XVI refletiu do seguinte modo sobre esse mistério (homilia no dia 29 de janeiro de 2012): “O Pai celeste respondeu a oração de Jesus [no Monte das Oliveiras] enviando-Lhe um Anjo. ... Para o Anjo foi também uma experiência nova, ver o Senhor tão fraco, tão esmagado no chão, no meio de tantas trevas, abandonado por todos os Seus mais íntimos amigos. E ele, como Anjo, criatura desta Pessoa tão mergulhada no sofrimento, certamente não esqueceu aquilo que viu. Pode-se imaginar muito bem que foi uma experiência que marcou profundamente toda a sua existência angelical, e certamente a todos os Anjos que assistiram à Paixão do Senhor. ... Os Anjos não compreenderam o mistério que se estava realizando com o seu Rei, mas agora convocam os fiéis para a veneração da Paixão: < Os exércitos dos Anjos rodeiam e veneram a gloriosa cruz, com santo temor, e eles convocam a todos os fiéis para a veneração...’ > (Liturgia ortodoxa do 3º Domingo da Quaresma).”

filho mais velho, mostrou respeito diante da sua liberdade, como respeitara antes a decisão do filho mais novo quando este resolveu ir embora.

Na carta aos Hebreus lemos: “Ao introduzir o Primogênito no mundo, Deus diz: ‘Todos os Anjos devem adorá-lo!’” (Hb 1,6). Este e outros textos como a palavra de Jesus na última ceia: “Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6), significam que “Cristo é o centro do mundo angélico. São seus os anjos: ‘Quando o Filho do homem vier em sua glória com todos os seus anjos...’ (Mt 25,31). São seus porque foram criados *por e para Ele*” (CIC 331).

Esta concentração dos Anjos em Cristo se estende depois à Igreja, de modo que o Magistério ensina ainda que toda “a vida da Igreja se beneficia da ajuda misteriosa e poderosa dos anjos”¹³⁴. E no centro dessa Igreja está Cristo Eucarístico, de tal maneira que São João Paulo II não hesitou em afirmar:

A Eucaristia oferece não apenas a força interior, mas também em determinado sentido (um) *projeto*. Na realidade, aquele é um modo de ser que passa de Jesus para o cristão e, através do seu testemunho, tende a irradiar-se na sociedade e na cultura. Para que isso aconteça, é necessário que cada fiel assimile, na meditação pessoal e comunitária, os valores que a Eucaristia exprime, as atitudes que ela inspira, os propósitos de vida que suscita.¹³⁵ Os Anjos, portanto, não são excluídos nesse projeto tão amplo; nele estão envolvidos como aqueles “servidores, enviados a serviço daqueles que deverão herdar a salvação” (Hb 1,14). Mas, se agora, no tempo da Igreja, são chamados a servir na Igreja e aos homens, como não podiam ter tido uma ideia disso antes de, na sua prova, tomarem sua decisão? Tudo isto não faz parte do plano que Deus tem com seu Reino? O filho mais velho sabia que seu irmão pecador voltou e que foi acolhido com alegria pelo pai, e o que mais notou: que esta alegria era tão grande que o pai mandou matar o novilho gordo para esta ocasião. Por isso, o

¹³⁴ CIC 334; no texto original é afirmado que “toda” a vida a Igreja se beneficia deste serviço ou desta ajuda dos Anjos, “*tota Ecclesiae vita*”; como exemplos encontram-se muitas referências aos primeiros anos da história da Igreja: “cf. At 5,18-20; 8,26-29; 10,3-8; 12,6-11; 27,23-25”.

¹³⁵ JOÃO PAULO II, *Mane nobiscum Domine*, 2004, 25; para uma síntese do ensino eucarístico desse Papa cf. F. STOECKL, *John Paul II and the Mystery of the EUCHARIST*, Ed. Paulinas, Pasay City, Philippines 2007, e em *Sapientia Crucis* 6 (2005) 35-58; 7 (2006) 33-107 e 8 (2007) 261-351.

filho, fiel até aqui, tinha de ponderar sobre a aceitação do amor perdoador e do dom eucarístico.

Então, pode-se dizer que também esta última parte da parábola encontra seu próprio significado só “no contexto com a pessoa de Cristo”¹³⁶. Aqueles Anjos que se humilharam com São Miguel diante da Majestade de Deus infinitamente maior e do incompreensível amor misericordioso, e disseram com ele: “Quem – de nós – é como Deus?!” , reconheceram Deus “como o Criador e o Salvador, o Senhor e o Dono de tudo o que existe, o Amor infinito e misericordioso” (CIC 2096) e seu próprio nada de criatura “que não existe a não ser por Deus” (CIC 2097). Dessa maneira, Deus torna-se tão próximo ao homem que “nem as potências angélicas podem entrever” (CIC 2780).

Tanto para os Anjos bons como para os rebeldes, caídos, vale: é *irrevogável* “o caráter de sua opção” (CIC 393).

A Igreja quase se desculpa por esta afirmação, explicando: “não (é) uma deficiência da infinita misericórdia divina, que faz com que o pecado dos anjos não possa ser perdoado” (CIC 393). Também a este tom escutamos na parábola quando o pai diz ao filho: “*Mas era preciso ...*” (v. 32), quer dizer, também sua decisão de pai é irrevogável.

2. Leitura da Sagrada Escritura sob a perspectiva eucarística

A visão de São João Paulo II, baseada no ensino tradicional da Igreja sobre a Eucaristia como “fonte e ápice de toda a vida cristã (LG 11)” (CIC 1324), assim como o foco da decisão dos Anjos no início dos tempos em Jesus Eucarístico e do filho mais velho no “novilho godo”, estimula uma leitura da Sagrada Escritura inteira sob este novo ponto de vista, isto é, a perspectiva eucarística.

a) A história de salvação com os santos Anjos

Já dissemos – e os Santos no-lo confirmarão, como veremos no próximo parágrafo – que todos os Anjos receberam na prova uma ideia geral do plano de Deus, a saber, tanto quanto era necessário e suficiente para entender e poder optar em favor ou contra ele.

¹³⁶ RENGSTORF, 182 f.

Os Anjos que ficaram fiéis a Deus, ficaram ansiosos a partir da prova para ver o plano de Deus se realizar. Eles estavam prontos para acompanhar, servir e ajudar em tudo o que Deus quisesse que participassem.

A história dos homens se inicia no paraíso com a “árvore da vida” e seu “fruto”, a qual já pode ser uma certa prefigura de Maria e de Jesus como seu fruto, um fruto que se dará a comer ou para a salvação ou para a condenação (cf. Jo 6,54 e 1 Cor 11,29). Depois do pecado original, os Anjos receberam ordem de cuidar que o homem “não ponha agora a mão na árvore da vida, para dela comer” (Gen 3,22). Um Anjo interveio quando Abraão estava pronto para sacrificar seu filho único, figura de Deus Pai que de fato entregou Seu Filho único, Cristo, ao sacrifício (Gen 22,11 e Jo 3,16). ... Um Anjo acompanhava Israel através do deserto em que Deus sustentou o povo com o Maná do céu e a água do rochedo, figuras do “pão da vida”, da Eucaristia e do Coração aberto pela lança como sinal da entrega total consumada¹³⁷. Moisés recebeu ordem para fazer junto à arca da aliança imagens de Querubins indicando ao povo a presença dos Anjos junto da morada de Deus na terra (cf. Ex 25,18ss). Um Anjo trouxe a Elias um “pão assado na pedra e um jarro de água” (1 Reis 19,5-6). ...

Assim, acompanhado por Anjos se chega até ao novo paraíso, aproximando-se, como diz a Carta aos Hebreus, “do monte Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste” com a “reunião festiva de milhões de anjos; da assembleia dos primogênitos, ... dos espíritos dos justos, que chegaram à perfeição; de Jesus, o mediador da nova aliança, e do sangue da aspersão” (Hb 12,22-24). Na Jerusalém celeste, o Anjo fez ver ao apóstolo João

um rio de água vivificante, o qual brilhava como cristal. O rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça e em ambas as margens do rio cresce a árvore da vida, frutificando doze vezes por ano, produzindo cada mês o seu fruto, e suas folhas servem para curar as nações¹³⁸;

¹³⁷ Cf. Ex 14,19s.; 16,12; 17,6; 23,20-22 e Jo 6,35; 19,34.

¹³⁸ Ap 22,1-2; cf. Gen 2,8ss; Papa Bento comentou uma vez esta presença dos Anjos: “Em todo o Antigo Testamento encontramos estas figuras que, em nome de Deus, ajudam a orientar os homens. É suficiente recordar o *livro de Tobias*, ... A presença tranquilizadora do anjo do Senhor acompanha o povo de Israel em todas as suas vicissitudes boas e más. No início do novo Testamento, Gabriel é enviado para anunciar a Zacarias e a Maria os ditos acontecimentos ... Os anjos servem Jesus, ...” Afirma no fim dessa reflexão: “Estimados irmãos e irmãs, excluiríamos uma parte notável do Evangelho, se deixássemos de lado estes seres enviados por Deus” (Papa BENTO XVI, Angelus, 1 de março de 2009).

e João viu que “nunca mais entrará nela o que é impuro” (Ap 21,27).

Os Anjos não são apenas chamados a servir nesta festa celeste, “sempre agindo como mediadores entre Deus e os homens” (Hildegarda). Eles são também convidados a participarem – como o pai na parábola convidou o filho mais velho, após o seu trabalho, a entrar. Assim se deve entender a observação de São Pedro que disse sobre a pregação do evangelho da “Boa-Nova em virtude do Espírito Santo” que se trata de “revelações que até os Anjos desejam contemplar!” (1 Pd 1,12). De fato, São Paulo fala ainda mais deles, do conhecimento do mistério de Cristo, da reconciliação e união entre os Anjos e os homens; pode-se quase falar de uma “história” da caminhada dos Anjos com os homens, começando com o anúncio, no início em núcleo e ainda sobre os pormenores, continuando com a reconciliação e terminando na união¹³⁹: “Doravante, *os principados e as potestades celestes conhecem*, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, de acordo com o projeto eterno ... no Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3,10-11). O plano de Deus que foi executado por Cristo, com o fruto de reconciliar “*consigo todos os seres*, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dele, por seu sangue derramado na cruz” (Cl 1,18-20). E assim, finalmente se realizará a união universal de todos, “na plenitude dos tempos: *unir tudo* em Cristo, tudo o que existe no céu e na terra” (Ef 1,10).¹⁴⁰

b) A história de salvação com os anjos caídos

Houve anjos que se decidiram contra o projeto que Deus lhes apresentou na prova ou, segundo a parábola, optaram por não participar na festa do reencontro do irmão pecador com o novilho gordo.

Esse “Não” não os deixou em paz. Estes anjos maus ou os demônios, como são chamados depois de sua queda, não queriam mais saber nada de Deus, mas também, são impelidos pela vontade de impedir ou destruir esse reino planejado, de modo que não querem saber e querem destruir

¹³⁹ Cf. T. Kieninger, *Entre Anjos e demônios. Testemunho e doutrina de São Paulo*, Obra da Santa Cruz, Anápolis 2009, 94 e 97; “An angel ... too has a history” (BONINO, 167).

¹⁴⁰ “L’incarnation du Verbe a fait la paix entre les anges et les hommes, et a enlevé le mur de séparation (avec référence à Col. 5, 20 [sic!] et Eph. 2, 14).” (STROTMANN, 148; deve referir-se a Col 1,20).

ao mesmo tempo, acompanhavam a história da salvação com certa força contraditória em si.¹⁴¹

Esse contexto explica que o pecado do diabo é em primeiro lugar o orgulho (“Na soberba [*superbia*, Vulg.] está contida muita corrupção”, Tb 4,13), mas com ele vem a inveja do amor tão grande que Deus tem pelos homens. Diz o livro da Sabedoria: “Foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo” (Sb 2,24).

Esta inveja os levou a assediar já os primeiros homens no paraíso e a seduzi-los, com a mentira, à desobediência e a comer do fruto da árvore.¹⁴² Quão forte foi a luta pela arca da aliança ... até que o “Dragão parou diante da Mulher que estava para dar à luz, pronto para devorar o seu Filho” (Ap 12,4), e perdida esta batalha, “cheio de raiva por causa da Mulher, o Dragão começou a combater o resto dos filhos dela, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus”¹⁴³.

3. A prova dos Anjos – na tradição

No decorrer da história da Igreja, os teólogos costumam abordar a questão da prova dos Anjos quando discutem se os anjos caíram por soberba ou inveja.

a) Na patrística

Os primeiros autores da era cristã falaram somente da “inveja” como pecado dos anjos caídos segundo a indicação do livro de Sabedoria (cf. Sb 2,24). Temos um estudo acurado sobre *La Envidia primigenia del diablo segun la patristica primitiva* pelo Padre Isidoro M. Sans SJ. Ele mostra como os primeiros autores cristãos consideraram “a inveja diabólica como motor original do fraticida Caim e, em consequência, a

¹⁴¹ Isto indica a contradição imanente nos anjos caídos ou uma “contradição” quase existencial que marca, sob um determinado aspecto, a “vida no inferno” até o fim dos tempos.

¹⁴² Cf. Gn 3,1-6. Pode-se observar o seguinte: como através de pessoas possesas o diabo não fala diretamente de Deus ou de Jesus, assim também já nesta primeira descrição de um colóquio com o diabo, ele não tem coragem ou força de falar do “fruto da árvore”, mas só da árvore (cf. vv. 1 e 5).

¹⁴³ Ap 12,17; “Reparei que a mulher (nesse caso o mundo) estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus” (Ap 17,6).

autêntica introdutora da morte no mundo”¹⁴⁴. Seguindo a explicação de Santo Irineu, “o verdadeiro arquiteto da teoria sobre a inveja primigênia do diabo”, Sans escreveu:

A inveja diabólica tem por objeto os numerosos dons concedidos ao homem pela predileção gratuita do Pai. Deus derrama seu carinho ao formar o homem. Nossa natureza, inferior à angélica, fica assim revestida de uma sobre-natureza que nos faz imensamente superior a nossos irmãos mais velhos, os anjos. ... O sentir-se superado por aquela forma material, inferior a si na natureza, provocou no seu interior aquele estímulo de inveja. ... Inveja e sedução são os estados interior e exterior do primeiro pecado angélico, causa moral do primeiro pecado do homem.¹⁴⁵

Mesmo que o Papa São Clemente, São Justino, Teófilo de Antioquia ou Tertuliano e São Cipriano tenham defendido essa posição e a Escola Alexandrina, especialmente Orígenes, tenha indicado a soberba e a autossuficiência como pecados dos Anjos, os autores nunca mais se afastaram da ideia da inveja como causa do pecado do diabo; e isso, por causa da explicação apresentada acima. Ela se baseia na distinção de dois momentos na “história inicial dos Anjos”: num primeiro momento da sua existência, eles se encontram diante da majestade do Criador; num segundo momento, eles são confrontados com o plano divino de misericórdia com o homem.

b) Em Santo Tomás

Santo Tomás afirma, com Santo Agostinho, que o diabo é “*soberbo e invejoso*”.¹⁴⁶ Em ambos os casos, estes anjos desejaram bens espirituais – como o amor que Deus mostra ter aos homens. No caso da soberba, o pecador não observa “a regra imposta pelo que é superior”; no caso da inveja, “o invejoso sofre com o bem de outrem, por considerá-lo impedimento ao seu”. Para o anjo mau, este bem era “o bem do homem” e

¹⁴⁴ SANS, 134; BONINO, 203-207; “Est-ce l’orgueil ou l’envie qui constitue le péché et la cause de la chute des demons ? Le problème est mal posé” segundo Strotmann (p. 151); ele faz referência ao estudo de E. MAGENOT, “Démon” em *Dictionnaire de théologie catholique*, Paris, 1908 ss., vol. IV, col. 321-409.

¹⁴⁵ SANS, 135s.; “Para Justino e Irineu é o homem a ocasião da queda dos Anjos” (A. GUILLAUMONT e P. NAUTIN, “Chronique” em *Revue de L’Histoire des Religions*, 1956, vol. 149, n. 2, 266-268, 267; cf. STROTMANN, 155-156).

¹⁴⁶ *De Civitate Dei*, XIV, 3, em THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 63, a. 2 s.c.

também “a excelência divina, enquanto Deus usa dele [do bem do homem] para a glória divina, contra a vontade do próprio diabo”¹⁴⁷.

Santo Tomás trata do ponto principal nesta questão, que é a determinação do objeto da prova dos Anjos.

Os Anjos não queriam simplesmente “ser como Deus”, ou como ele é em si, pois “é impossível um Anjo inferior desejar ser igual ao superior e, muito menos, igual a Deus”¹⁴⁸. Eles não só se encontraram diante do “Deus Criador” como no momento de sua criação, mas também diante do “Deus Revelador”, que lhes mostrou seu plano, do qual o Catecismo fala (cf. CIC 414). Mas entre um e outro “encontro” se considera passar um “momento”; e este corresponde à passagem entre a criação e a decisão dos anjos, “um tempo” que possibilitou a prova, mesmo se for apenas um instante.¹⁴⁹

Nesta “mora” de tempo se passa aquilo que, segundo Santa Hildegarda, a parábola descreve na figura do filho mais velho, quando este voltou do

¹⁴⁷ THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 63, a. 2; cf. S. Bernardo, *Sermo in Adv. I.4*; em San BERNARDO, *Obras Completas*, vol. I, pag. 157s; *ibid.*, *Serm. en la anunciación*, p. 655-665.

¹⁴⁸ THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 63, a. 3. “Mas, desejar ser como Deus, por semelhança, de dois modos pode se dar. — De um modo, quanto ao pelo que é natural a um ser o assemelhar-se a Deus. E assim, quem neste sentido deseja ser semelhante a Deus não peca, pois, deseja alcançar a semelhança com Deus, na ordem devida, a saber, enquanto tem essa semelhança recebida de Deus. Se, porém, desejasse ser semelhante a Deus por justiça, como por virtude própria e não pela virtude de Deus, pecaria. — De outro modo, pode alguém desejar ser semelhante a Deus quanto ao que não lhe é natural que com Deus se assemelhe; como se alguém desejasse criar o céu e a terra. O que é próprio de Deus; e, nesse desejo, haveria pecado.”

¹⁴⁹ “Se, porém, se admitir que o anjo não foi criado em graça, ou que não podia praticar um ato de livre arbítrio, no primeiro instante, nada impede tenha decorrido um lapso de tempo entre a criação e a queda.” (THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 62, a. 6). “Aquinas asserts that the angel possesses this natural beatitude from the very instant of his creation by reason of the dignity of his simple nature. In this sense the angels were created blessed. ... In relation to (the) supernatural beatitude, the angels were not created blessed (see ST I, q. 62, a. 1, sed contra) ... Angels therefore were created as *viatores*, in the state of wayfarers; they attained this supernatural beatitude only at the conclusion of a history, of a progress implying an act of spiritual choice” (BONINO, 175). “Although in his first moment an angel cannot sin, he can on the other hand merit. To do good is natural to the will, and to act wrongly is contrary to its nature. Now what is natural is given from the start, whereas what is contrary to nature can come only in a second phase” (BONINO, 183; cf. on “merit” of the angels, 179-186).

seu destino natural em submissão perfeita e fiel a Deus e se encontrou diante do “Reino de Deus” como uma obra de misericórdia e amor para com um pecador, culminando na Encarnação e Morte expiatória do próprio Filho de Deus, que ultrapassa toda compreensão de qualquer criatura.¹⁵⁰

Este era, portanto, o objeto da decisão dos anjos ou, respectivamente, do filho mais velho; tinham de decidir-se a favor do amor misericordioso de Deus; a única alternativa era: ou “participar na festa de misericórdia” ou ficar fora e distante de Deus e dos seus amigos, o que é, em termos bíblicos e teológicos, o inferno, o existir em constante e permanente recusa de Deus e de tudo e todos que lhe são unidos.¹⁵¹

¹⁵⁰ Santo Tomás responde à objeção que diz que os Anjos devem ter conhecido os mistérios da graça e Encarnação porque “Os profetas são instruídos pelos anjos” e “os profetas conheceram os mistérios da graça, conforme diz a Escritura (Am 3,7)”. Esta é sua resposta:

“De duplo modo podemos nos referir ao mistério da Encarnação de Cristo.

Em geral, e assim a todos os anjos foi revelado desde o princípio da beatitude deles. E a razão é que todos os ofícios deles dependem deste princípio geral, como diz a Escritura (Heb 1,14): *Em verdade todos os espíritos são uns administradores, enviados para exercer o seu ministério a favor daqueles que hão de receber a herança da salvação*; o que se realiza pelo mistério da Encarnação. Por isso é necessário que esse mistério tenha sido revelado a todos comumente, desde o princípio.

De outro modo, podemos considerar o mistério da Encarnação quanto às condições especiais. E, assim, nem a todos os Anjos foram todas reveladas, desde o princípio; antes, certas (condições) só mais tarde foram conhecidas dos Anjos, mesmos superiores, como se vê pela citada autoridade de Dionísio” (THOMAS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q.57, a. 5 ad 1^{um}; em forma semelhante comenta as palavras de São Paulo aos Efésios, “conhecem, por meio da Igreja, a multi-forme sabedoria de Deus”, Ef 3,10; cf. THOMAS DE AQUINO, “Super epistolam ad Ephesios lectura”, c. III, lect. 3, n.162, in *Super epistolas S. Pauli Lectura*, vol. II, Marietti, Roma ⁸1953, 41; para mais referências em Santo Tomás, veja BONINO, 243-247, esp. 244, nota 45).

¹⁵¹ “Thomas has repeated it again and again, that their sin was a sin of aversion to the divine rule. The angels were already in a state of grace; a single act of divine charity *could have been sufficient* for their elevation to eternal happiness in the vision of God. God however did not establish that possible economy of grace, rather he established another economy of grace. And in that ‘other economy’ (the only one offered to the angels), there was something in the ‘rule’ – the means of glory – that somehow provoked a sense of slight in certain angels” (W. WAGNER, “The Trial of the Angels in the Writings of St. Thomas Aquinas”, in: *Sapientia Crucis*, 9 (2008), 23-75, 63). “The devil wanted to achieve supernatural beatitude by grace, not by mere nature, but in such a way that he was moved thereto only by God and not by the instrumentality of any other creature” (ibid., 65). “The fact that a single rule discerns all spirits, good and bad, tells more than

c) Nos Santos do nosso tempo

Em nossos dias, São João Paulo II falou “que os espíritos puros foram submetidos a uma prova de caráter moral”¹⁵²; “Os bons anjos ... Os outros ... escolheram em oposição à revelação do mistério de Deus, ... opuseram-Lhe uma rejeição inspirada por um falso sentido de autossuficiência, de aversão e até de ódio que se transformou em rebelião...”, recusaram “a tomar parte na edificação do reino de Deus no mundo criado”¹⁵³ dizendo “*non serviam* – não quero servir’ (Jr 2,10)”¹⁵⁴.

Essa observação permite ver nos Anjos bons uma admiração da obra de Deus, uma expectativa de conhecer a realização deste plano que na prova lhes mostrara apenas no geral; pode-se até falar de uma ânsia em participar e se aproximar mais e mais dos homens que sem dúvida estarão no centro desse Reino. Hildegarda comenta a aproximação do filho mais velho à casa como sinal de “um amor crescente dos Anjos para com os homens”!

Certos Santos falam até “se for possível, de uma inveja dos Anjos...” Assim anotou Santa Faustina no seu *Diário*: “Os Anjos, se pudessem invejar, nos invejariam por duas coisas: a primeira é a recepção da Santa Comunhão; a segunda é o sofrimento.”¹⁵⁵ E entre as “últimas palavras” de *Santa Terezinha do Menino Jesus* se encontram as seguintes: “Os Anjos não podem sofrer; não são tão felizes quanto eu. Porém, como ficariam admirados de sofrer e sentir o que sinto! ... Sim, ficariam bem espantados, pois também fico”¹⁵⁶; também a Santa acha que “os serafins desejam ... fazer-se crianças” e “o querubim [sic] ... quer, como tu, sobre a sombria colina poder um dia morrer!”¹⁵⁷, sempre submetidos incondicionalmente

their current good and bad dispositions, it also indicates the ultimate source of these dispositions: a ‘*Non serviam*’ on the one side, and a ‘*Quis ut Deus*’ on the other side: each a response to the mystery of Christ proposed in the very beginning” (ibid., 74).

¹⁵² JOÃO PAULO II, *Catequese sobre o Criador dos Anjos*, 23 de Julho de 1986, 2.

¹⁵³ Ibid., 4-5; cf. *Catequese sobre a Queda dos Anjos rebeldes*, 13 de agosto de 1986.

¹⁵⁴ Id., *Catequese sobre o Criador dos Anjos*, 23 de julho de 1986, 5.

¹⁵⁵ FAUSTINA, *Diário*, 1804; cf. 116 e 240.

¹⁵⁶ TERESA DE LISIEUX, *Últimas palavras* (16 de agosto), em *Obras Completas*, São Paulo, Edições Loyola, 1997, p. 1168.

¹⁵⁷ Id., “Os Anjos no presépio de Jesus”; ibid., pp. 856-872, 872; cf. BARREIRO, 84; Oda SCHNEIDER, *Die Macht der Frau*, Otto Müller Verlag, Salzburg – Leipzig 1938, 232-250, 241: “Deus fez os puros espíritos ver a sua intenção. Ele mostrou-lhes mãe e filho.” Um pouco mais tarde, a autora constata (p. 249): “Assim, o

à adorada Vontade de Deus e com uma certa “obediência de fé”, da qual São Paulo fala duas vezes (cf. Rom 1,5 e 16,26).

Isso também explica que o pecado dos anjos caídos não é simplesmente um ato de soberba ignorante em querer negar a Deus e declarar a si mesmos deuses, mas sim, inveja: uma vontade própria, certamente de soberba, ou orgulhosa, uma vontade que não se queria dobrar diante da Santidade da Vontade divina; por isso, eles preferiam distanciar-se e rejeitar toda forma de união, como na parábola se vê como um perigo iminente para o filho mais velho, ou como na parábola dos operários da vinha, para os trabalhadores que chegaram na primeira hora.

Então, podemos dizer também que os testemunhos da Tradição confirmam a explicação do filho mais velho como representante dos Anjos, porém no momento decisivo de sua prova, bem como de todos que ainda estão diante dessa decisão, como são os ouvintes imediatos, os “fariseus e escribas”. A esta conclusão chega também Strotmann:

Pode-se concluir que a parábola evoca um episódio do “escândalo da cruz” no céu, “na presença dos anjos”. Quanto ao filho mais velho, não é necessário pensar aqui diretamente nos anjos definitivamente rebeldes, mas no mundo angélico na sua prova e ainda não confirmado na caridade, estupefato e em grande confusão diante da “imensidão das riquezas de sua graça, pela bondade que tem para conosco, em Jesus Cristo” (Ef 2,7). Isto resolve a dificuldade de S. Cirilo de Alexandria e outros, segundo os quais o filho mais velho não poderia representar o mundo angélico devido à sua atitude que não convém a “santos anjos”. De fato, estes antes são representados mais diretamente pelo servo que, de bom coração, anunciou ao filho mais velho, que, aproximando-se da casa, ouvia o som da música e as danças: “O teu irmão voltou e o teu pai matou o novilho gordo, porque o recuperou são e salvo” (vv. 25-27).

– (Numa homilia atribuída a S. João Crisóstomo, P.G. 59, 520:) Um dos servos, perguntado pelo filho mais velho, responde: “A nossa Páscoa, o Cristo, foi imolado. A Igreja celebra a festa, está no banquete e conduz as danças.”

A raiva e a recusa de entrar, provocadas por essas palavras, não têm já um alcance definitivo, porque o pai saiu também até ele e “se pôs a suplicá-lo” (v. 28), recordando-lhe o seu estado privilegiado.¹⁵⁸

diabo e seus anjos estão diante da mãe e dos seus Anjos. Os dois exércitos são claramente separados.”

¹⁵⁸ STROTMANN, 146s: “On peut conclure que la parabole évoque un épisode du ‘scandale de la croix’ dans le ciel, ‘en présence des anges’. Quant au fils aîné, il n’est pas

Finalizando podemos agora dirigir-nos a Deus Pai e a Jesus, seu Filho, segundo a mensagem que descobrimos nas parábolas examinadas:

Pai misericordioso,
para a Vossa maior glória,
une, pelo dom eucarístico do Vosso Filho
e o amor do Vosso Espírito,
os Anjos, ansiosamente esperando desde a sua prova,
e os homens, os últimos criados, caídos e arrependidos,
na festa de alegria eterna.

Conclusão

Olhemos para trás a fim de concluirmos essas reflexões sobre as parábolas da misericórdia. Entende-se que, superficialmente, as pessoas gostam destas parábolas por serem *como histórias* e, ainda mais, de conteúdo tão tocante, mostrando misericórdia em todas as áreas da vida e ambientes, do campo, de casa, e numa família. Porém, com isso se vê apenas, analiticamente falando, a causa formal e material. O verdadeiro sentido e a intenção delas se encontram somente com a *causa final*.

nécessaire de penser ici directement aux anges définitivement rebelles, mais au monde angélique dans son épreuve et non encore fixé dans la charité, stupéfait et en grand désarroi devant ‘l’infinie richesse de la grâce de Dieu par sa bonté envers nous en Jésus-Christ’ (Éph 2, 7). Ceci résout la difficulté de S. Cyrille d’Alexandrie et d’autres, selon lesquels le fils aîné ne pourrait représenter le monde angélique en raison de son attitude qui ne convient pas à des ‘saints anges’. De fait, ceux-ci sont plutôt représentés plus directement par le serviteur qui, de bon cœur, annonce à l’aîné, s’approchant de la maison, lorsqu’il entendit le son de la musique et des danses: ‘Votre frère est arrivé et votre père a tué le veau gras, parce qu’il l’a recouvré sain et sauf’ (vv. 25-27).

– (Dans une homélie attribuée à S. Jean Chrysostome, P.G. 59, 520:) ‘Un des serviteurs, interrogé par le fils aîné, répond: ‘Notre Pâque, le Christ, a été immolé. L’Église célèbre la fête, elle est au festin et mène les danses.’

La colère et le refus d’entrer que provoquent ces paroles n’ont pas encore une portée définitive, car le père sortit aussi vers lui et ‘se mit à le prier’ (v. 28), en lui rappelant son état privilégié.”

Para reconhecê-la, deve-se, primeiro, tomar a sério o próprio Jesus no meio dos seus ouvintes, com “todos os publicanos e pecadores”, que se aproximavam dele para o escutar, e “os fariseus e os escribas”, que murmuravam contra ele: “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”. “Então ele contou-lhes esta parábola” (15,1-3). Jesus fez aos últimos as perguntas: “Quem de vós ... e quando a encontra ...?” A sua intenção era levá-los a consentir com seu modo misericordioso de agir, como o pastor que procura o que perdeu e se alegra quando o encontra, ou como o pai que acolhe um filho arrependido. Entendemos ser decisivo o silêncio no fim de todas as três parábolas: o convite de se alegrar fica sem resposta! Isto sublinha a insistência de Jesus diante daqueles que ainda lutam consigo para fazer sua opção.

Esta última intenção das parábolas está velada por *traduções incorretas* (por ex. dizer “reunir” em vez de “convidar”) ou por uma leitura rápida que acaba interpretando a “indignação” ou raiva do filho mais velho como se fosse a sua rejeição já definitiva; se Jesus tivesse querido afirmar tal coisa não se explica por que contou isso aos fariseus. Também era importante separar nas duas primeiras parábolas o que não se perdeu (as noventa e nove ovelhas e as nove dracmas) dos que foram convidados (os vizinhos e amigos) e dos que já responderam positivamente (os no céu e os Anjos de Deus). Só assim se torna evidente o paralelismo entre as três parábolas e o filho mais velho como figura chave da terceira!

Essas correções da leitura fizeram reconhecer a verdadeira intenção de Jesus com todas as três parábolas, mais explicitamente com a terceira, em que se apresenta a mensagem com pessoas livres: *Jesus quis manifestar, com toda a clareza, a necessidade da decisão de todas as criaturas racionais e livres* em favor ou contra o amor misericordioso divino. Na terceira parábola, Jesus mostra, numa forma quase gritante, o essencial de toda a história das criaturas: Deus Pai criador, que se manifesta com seu amor e sua infinita misericórdia, e o Filho de Deus, Jesus, que se faz homem, justifica os pecadores diante do Pai pela sua morte expiadora e ainda mendiga, como Comida Eucarística, pelo livre e consciente “Sim” das criaturas. Os filhos todos, com intelecto e vontade, são livres para optarem em ser membros dessa família divina ou se afastar dela. Há alguns que já se decidiram, o filho mais novo, pecador e arrependido, e os anjos, bons e maus. O filho mais velho representa a todos aqueles que se encontram na fase da decisão diante de Deus; estes são concretamente os fariseus e escribas que estão, neste momento, junto de Jesus.

Santa Hildegarda ofereceu uma interpretação da terceira parábola num sentido muito vasto: Ela entende o pai dos filhos como Deus e os seus dois filhos como os Anjos e os homens. Esta interpretação não era totalmente nova, mas nunca encontrou uma justificação satisfatória por ser difícil conciliar a santidade dos Anjos com a reação indignada do filho mais velho. Mas tendo eliminado alguns elementos obscuros das interpretações costumeiras e esclarecido o papel exato do filho mais velho na sua atitude *indecisa*, podíamos ver nele também os Anjos, como Santa Hildegarda o fez, porém, concretamente no momento de sua indecisão ou de sua prova. E, de fato, hoje temos afirmações do Magistério da Igreja que correspondem a esta mensagem da terceira parábola: Os Anjos também, como os homens, foram colocados diante da mesma decisão: aceitar ou não o “plano de Deus” (CCC 414), sua doação na Eucaristia e a formação da Igreja como “finalidade de todas as coisas” (CCC 760).

Por isso, pela escuta atenta das parábolas da misericórdia se chega a esta surpreendente conclusão: Já desde o início de toda a história da criação, desde a prova dos Anjos, “a Eucaristia e a cruz são pedras de tropeço. É o mesmo mistério,” quer dizer, o amor incompreensível de Deus pelas suas criaturas, “e ele não cessa de ser ocasião de divisão” (CIC 1336).

Com esta conclusão se tornou ainda mais evidente como a parábola do Pai misericordioso é “um vértice da espiritualidade e da literatura de todos os tempos”¹⁵⁹. Com uma “história” tão simples, Jesus contou como todas as criaturas racionais e livres, homens e anjos, foram levados ao ponto em que decidem sobre a sua eternidade, e que essa escolha foi e será feita não em favor ou contra a Majestade divina, mas sim em favor ou contra seu amor misericordioso e humilde, que no Filho de Deus feito homem dá a sua vida pelos seus inimigos.

Titus Kieninger ORC

¹⁵⁹ Papa BENTO XVI, Angelus no dia 14 de março de 2010.

Índice

Introdução	75
A. Três características do evangelho de S. Lucas: universal – litúrgico-sacrificial – trinitário	76
I. As três características no conjunto do evangelho	77
1. A universalidade.....	77
2. Liturgia e sacrifício expiatório.....	78
3. O Mistério da SS. Trindade.....	79
II. As três características no capítulo 15 do evangelho.....	80
1. Três parábolas e uma só mensagem	80
2. As três características no capítulo 15	84
3. A união final na alegria	85
a) A pergunta inicial aberta	86
b) As várias perguntas a responder	88
B. A terceira parábola.....	89
I. O reflexo da SS. Trindade	90
1. O pai.....	90
a) O pai com o filho mais novo	90
b) O pai com o filho mais velho.....	92
2. O filho mais novo.....	93
a) Sua história	93
b) O coração da mensagem.....	93
3. O filho mais velho.....	94
a) As duas reações.....	95
b) As duas faces	97

II. A pergunta a responder: Amor ou justiça.....	99
1. A misericórdia do pai	100
2. O amor sacrificial eucarístico do Filho de Deus	103
3. A união universal pendente	106
C. A interpretação de Santa Hildegarda	111
I. Texto de Santa Hildegarda.....	111
II. A interpretação da parábola por Santa Hildegarda	114
1. O pai e o filho mais novo	114
2. O filho mais velho e os Anjos	115
III. O ponto central da parábola ou o filho mais velho e os Anjos na sua prova.....	118
1. Ver o problema.....	118
2. A necessidade e o objeto da decisão	119
3. Os que já se decidiram	119
4. Passos a uma solução.....	120
5. A confirmação pela coerência	122
D. A interpretação de Santa Hildegarda à luz da S. Escritura e Tradição	124
I. Objeções a interpretação de Santa Hildegarda	124
1. A primeira objeção de Santo Tomás de Aquino	125
2. A segunda objeção de Santo Tomás de Aquino	126
3. Uma terceira objeção	127
II. A presença dos Anjos nas três parábolas	128
1. “Os Anjos de Deus”	128
2. Os Anjos e as noventa e nove ovelhas e nove dracmas	129
3. Uma leitura de advertência	131

III. O exemplo da Imaculada Virgem Maria	132
1. Diante da incompreensibilidade de Deus.....	132
2. A resposta à vontade de Deus	133
IV. A prova dos Anjos diante do Amor perdoador de Deus.....	135
1. A prova dos Anjos à luz do Magistério da Igreja	135
a) A “opção livre e amor preferencial” e o Pai misericordioso..	136
b) Jesus Eucarístico como “pedra de tropeço” para os Anjos ...	137
2. Leitura da Sagrada Escritura sob a perspectiva eucarística	140
a) A história de salvação com os santos Anjos	140
b) A história de salvação com os anjos caídos.....	142
3. A prova dos Anjos – na tradição	143
a) Na patrística.....	143
b) Em Santo Tomás.....	144
c) Nos Santos do nosso tempo.....	147
Conclusão.....	149